

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Migrações, Inter-Etnicidades e Transnacionalismo realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Dulce Pimentel e orientação do estágio da Dr.^a Anabela Coelho.

Versão corrigida e melhorada após defesa.

Agradecimentos

Aos meus pais que sempre me apoiaram em todas as decisões e escolhas no meu percurso acadêmico. Também quero agradecer à minha irmã e às minhas melhores amigas, Carolina e Cristina, por toda a paciência, pelas leituras deste trabalho e pelo apoio constante que me deram.

Um enorme obrigada à professora Dulce Pimentel que aceitou este desafio e que desde o primeiro dia embarcou de alma e coração neste projeto. Obrigada por todos os conselhos e orientações, por toda a disponibilidade e por todo o envolvimento. Desde a primeira aula que tivemos juntas, eu soube que era alguém muito especial e, este ano foi a confirmação de que é sem dúvida uma pessoa especial e uma grande inspiração.

À Anabela Coelho, Dália Rodrigues, Rosa Cruz e Sandra Manique Lopes agradeço todo o conhecimento e toda a experiência, sem vocês, sem a vossa orientação, sem a vossa humanidade este projeto não seria possível. Obrigada pela oportunidade de fazer parte da equipa e conhecer seres humanos tão corajosos, sem summa, por poder fazer parte da grande família que é a Associação O Ninho.

Por fim, a todas as mulheres que comigo partilharam as suas histórias de vida, obrigada pela confiança e, pelas demonstrações de força. Vocês são sem dúvida as minhas super heroínas e um verdadeiro exemplo de coragem e superação. A todas o meu muito obrigada.

Resumo

O tráfico de seres humanos é um fenómeno antigo que ganhou expressão a partir dos anos 90 do século XX, o que levou as Nações Unidas a adotar em 2000 um Protocolo para o prevenir, combater e punir. Segundo estimativas da UNODC (2016), o tráfico de seres humanos representa o terceiro negócio mais rentável à escala mundial, a seguir ao tráfico de droga e de armas. Este é um crime difícil de detetar e que atinge as camadas mais vulneráveis da sociedade. A maior parte das vítimas são mulheres e crianças, sendo traficadas para trabalho forçado e exploração sexual. O tráfico para exploração sexual é mais frequente na Europa, Ásia Central e Américas.

Aliada à prostituição, a exploração sexual constitui um grave crime contra a dignidade humana. Dentro da atividade é difícil perceber quais as mulheres que o fazem voluntariamente e as que agem sob coação. Em Portugal, a Associação O Ninho procura conhecer o meio e ajudar mulheres em situações de prostituição, voluntária ou involuntária. Localizada em Lisboa, a instituição oferece apoio psicológico, oficinas de treino ao trabalho e um lar onde podem habitar e fazer as refeições. Estes serviços são fundamentais para preparar as mulheres para uma vida “normal”, ou seja, é um treino para a integração na sociedade e no mercado de trabalho. Para além destes serviços, tanto a equipa de intervenção em meio prostitucional como o centro de atendimento atuam diretamente nos locais onde estão as mulheres.

O presente relatório resulta do estágio realizado na Associação O Ninho com o objetivo de estudar o fenómeno do tráfico de mulheres para exploração sexual em Portugal: Este estágio permitiu conhecer o meio prostitucional na região de Lisboa as principais nacionalidades nas ruas e apartamentos, identificar as rotas de tráfico, traçar o perfil das vítimas e conhecer o trabalho desenvolvido pela instituição.

Palavras-chave: Tráfico de Seres Humanos, auxílio ilegal à imigração, Exploração Sexual, Prostituição, Associação O Ninho.

Abstract

Trafficking in human beings is an age-old phenomenon that has taken hold since the 1990s, prompting the United Nations to adopt a Protocol to prevent, combat, and punish it in 2000. According to UNODC estimates, trafficking in human beings is the third most profitable business on the world scale following drug and arms trafficking. This is a crime that is difficult to detect and reaches the most vulnerable sections of society. Most of the victims are women and children, being trafficked for forced labor and sexual exploitation. Trafficking for sexual exploitation is more prevalent in Europe, Central Asia and the Americas.

Combined with prostitution, sexual exploitation constitutes a serious crime against human dignity. Within the activity it is difficult to see which women do it voluntarily and those who act under duress. In Portugal, the O Ninho Association seeks to know the environment and help women in situations of prostitution, whether voluntary or involuntary. Located in Lisbon, the institution offers psychological support, workshops to work and a home where they can live and eat. These services are essential to prepare women for a "normal" life, that is, it is a training for integration in society and in the labor market. In addition to these services, both the prostitutional intervention team and the call center act directly in the places where the women are.

The present report is the result of the internship held at the O Ninho Association to study the phenomenon of trafficking in women for sexual exploitation in Portugal: This stage allowed to know the prostitution in the region of Lisbon the main nationalities in the streets and apartments, to identify the routes of tracing the profile of the victims and knowing the work developed by the institution.

Keywords: Trafficking in Human Beings, Smuggling, Sexual Exploitation, Prostitution, *O Ninho* Association.

Índice

Agradecimentos	2
Resumo	3
Abstract.....	4
Índice	5
1. Introdução	6
2. Objetivos e Metodologia.....	7
3. A Associação O Ninho	9
3.1. Intervenção em meio prostitucional	10
3.2. Centro de Atendimento	13
3.3. Lar, “uma casa de afetos, de proteção e de segurança”	14
3.4. Oficinas	15
3.5. Centro Ocupacional.....	15
4. Tráfico de Seres Humanos: enquadramento teórico	16
4.1. Tráfico de Seres Humanos <i>versus</i> Auxílio ilegal à imigração.....	16
4.2. Perfil da vítima	21
4.3. Portugal nas rotas do tráfico.....	28
5. O Estágio: conhecer a realidade	31
5.1. Intervenção no meio prostitucional: pontos de rua e apartamentos.....	31
5.2. Centro de Atendimento: O início de uma jornada.....	46
5.3. Integração no mercado de trabalho e na sociedade: começar uma nova vida	47
6. Conclusões	50
7. Bibliografia	53

1. Introdução

A exploração sexual de mulheres, fruto do tráfico de seres humanos, tem-se mostrado cada vez mais expressiva e perversa. Através de esquemas, cada vez mais elaborados, os traficantes conseguem de forma muito eficaz fazer com que se perca o rasto de milhares de mulheres que caem nesta teia. Considerado pela Organização das Nações Unidas como um dos negócios mais lucrativos, a seguir ao tráfico de drogas e armas, o tráfico de seres humanos movimenta quantias de milhares de milhões de euros e atinge milhões de pessoas em todo o mundo (UNODC, 2016).

Em pleno século XXI, o tráfico de seres humanos também aumentou em Portugal, ainda que seja difícil o seu apuramento. Segundo Acácio Pereira, presidente do Sindicato da Carreira de Investigação e Fiscalização, se multiplicássemos por 20 o número de casos de tráfico de seres humanos que vem nos relatórios oficiais, ainda seria pouco para retratar a realidade que se sente no terreno¹. O tráfico para a exploração sexual revela-se, cada vez mais, um crime altamente complexo e organizado, fazendo com que a identificação destes casos seja muito difícil. Em Portugal a identificação de vítimas deste crime é dificultada, não só pelo forte controlo exercido sobre a vítima, mas também pela falta de legislação que regule a prostituição, fazendo com que a voluntariedade da mulher que a pratica seja posta em causa. Também os novos mecanismos que são utilizados para a prática da prostituição, como os apartamentos e *sites* de acompanhantes, reduzem a exposição da mulher, o que dificulta as ações de fiscalização por parte das autoridades.

Com este projeto pretende-se estudar o fenómeno do tráfico de seres humanos, em especial de mulheres para exploração sexual, em Portugal. Para poder ter um bom conhecimento desta realidade, foi realizado um estágio na Associação O Ninho, uma Instituição Particular de Solidariedade Social que “tem por objetivo a promoção humana e social de mulheres vítimas de prostituição” e atua na região de Lisboa. O estágio teve a duração de seis meses, tendo sido iniciado em Outubro de 2017 e finalizado em Abril de 2018. Foi assim possível conhecer situações de exploração sexual, presumíveis vítimas e

¹ Declarações proferidas na Conferência "Tráfico de seres humanos - o SEF e a luta contra o tráfico de pessoas", realizada no dia 27 de Abril de 2018 no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa.

mulheres que se assumiram como tal, tendo sido confrontada com a realidade da prostituição, quer de rua, quer em apartamentos. Este relatório reflete todo o meu trabalho e conhecimentos adquiridos ao longo do estágio, mas é também uma forma de dar voz às mulheres que estão numa situação de prostituição não voluntária e, em particular, a uma delas, vítima de tráfico, ao apresentar as suas histórias de vida.

O relatório está estruturado em 6 capítulos. Nos primeiros capítulos são apresentados os objetivos do estágio e a metodologia, seguindo-se a apresentação da instituição de acolhimento do estágio. O quarto capítulo é um pequeno enquadramento teórico do fenómeno de tráfico de seres humanos, onde são apresentados os principais protocolos internacionais, a situação mundial, europeia e portuguesa, as principais nacionalidades das vítimas em Portugal e as principais rotas de tráfico. O quinto capítulo reúne o essencial do trabalho realizado ao longo do estágio e para finalizar este relatório as nossas reflexões sobre este projeto.

2. Objetivos e Metodologia

Este relatório tem o propósito de refletir sobre as questões do tráfico de seres humanos e as suas vítimas, nomeadamente as mulheres, que sofrem as maiores violências à sua integridade física e saúde mental. Muitas das mulheres traficadas e exploradas sexualmente, acabam em redes de prostituição, o que torna a sua situação ainda mais difícil. As mulheres traficadas acabam por ser pessoas que não têm existência, quer no plano legal quer no plano social, (Santos, Gomes, e Duarte, 2009).

A prostituição, como problema social, é quase um tema tabu sendo muitas vezes ignorado ou descredibilizado. Para que possam ser encontradas soluções e formas adequadas de integração das mulheres, é fundamental que a prostituição seja reconhecida como uma forma clara de violação dos direitos humanos e, neste caso, uma violação dos direitos da mulher, e não como uma escolha de vida, já que nos casos de tráfico esta “escolha” é feita para a mulher e não pela mulher.

Atendendo à escassez de produção teórica recente baseada na recolha de testemunhos reais, o objetivo deste relatório é o estudo do tráfico de mulheres para fins de exploração sexual, tendo como base o trabalho de rua desenvolvido durante o estágio

na Associação O Ninho. Com o auxílio da revisão da literatura e de informação recolhida pretende-se:

- a) Conhecer a dimensão do fenómeno e as principais nacionalidades das vítimas de tráfico em Portugal;
- b) Identificar as vulnerabilidades e fatores que originam situações de tráfico;
- c) Identificar as principais rotas de tráfico e meios de transporte;
- d) Refletir sobre a definição de *país de trânsito* e *país de chegada*;
- e) Refletir sobre as formas de apoio e integração das mulheres que em Portugal são acompanhadas pela Associação.

Propondo o tráfico de seres humanos, e em particular o tráfico de mulheres para fins de exploração sexual como tema de investigação, realizei um estágio na Associação O Ninho. O estágio curricular teve a duração de 800 horas, que correspondem a seis meses de trabalho. Esta instituição é pioneira no contacto direto em meio prostitucional e no trabalho de intervenção social com mulheres em situação de prostituição.

No presente relatório o método adotado é, essencialmente, qualitativo, com o recurso a técnicas de observação e de recolha de elementos a partir de entrevistas. São também trabalhados dados estatísticos da intensidade do fenómeno de exploração sexual à escala internacional e nacional. A amostra do estudo restringe-se às mulheres prostituídas na área metropolitana de Lisboa.

O trabalho de rua realizado diariamente possibilitou o reconhecimento das mulheres e do meio prostitucional, bem como a recolha de vários testemunhos e histórias de vida que permitem validar (ou não) a literatura ilustrativa daquilo que é a situação de tráfico e exploração sexual em Portugal. A recolha destes testemunhos foi realizada através de uma técnica de observação indireta, e não se seguiu uma estrutura de entrevista com um guião modelo, uma vez que estas mulheres só partilham as suas verdadeiras histórias quando sentem alguma confiança com o técnico que as aborda. São necessárias várias abordagens até que a mulher se sinta confortável para partilhar com os técnicos a sua história, o seu percurso e as dificuldades sentidas. A recolha dos testemunhos foi possível com recurso a abordagens sucessivas, em que as mulheres iam aos poucos partilhando momentos da sua vida e do seu percurso.

Os resultados apresentados neste relatório advêm do trabalho realizado no Centro de Atendimento e com a equipa de Intervenção em meio prostitucional. A nossa

integração na equipa de intervenção em meio prostitucional permitiu a recolha de informação sobre as mulheres, o conhecimento do meio, a dinâmica e os agentes envolvidos. No Centro de Atendimento, o plano de trabalho centrou-se no atendimento das mulheres. Estas traziam consigo as suas preocupações e dificuldades, para as quais precisavam da ajuda. Do plano fazia também parte o acompanhamento das utentes, de forma a conhecer, observar e entender as suas dificuldades, e participar direta e ativamente no processo de intervenção social.

Na intervenção em meio prostitucional, o plano de ação passou pelo trabalho de rua efetuado diariamente. Para cada local, a abordagem passou pela observação do meio para que fosse possível identificar as mulheres em situação de prostituição. Esta observação permite também identificar possíveis clientes e proxenetas que estejam a controlar a mulher. A identificação cuidada de ambos é muito importante, de forma a não causar qualquer tipo de represália ou situação desconfortável para a mulher.

3. A Associação O Ninho

O Ninho é uma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) que tem como objetivo a promoção humana de mulheres vítimas de prostituição. Ao longo de 50 anos, a instituição tem trabalhado para conseguir uma intervenção séria e coerente na denúncia da prostituição, das suas causas e consequências.

O Ninho foi fundado em 1967, seguindo o modelo do *Mouvement du Nid*² criado em França em 1936 por Maggie Boire e pelo Padre André Marie Talvas. O seu percurso insere-se, assim, “na história do trabalho de colaboração entre os Movimentos do Ninho da França, da Bélgica (1980), do Brasil e de outras organizações e movimentos que trabalham diretamente com pessoas prostituídas”³. Um dos princípios inovadores à época da sua fundação, e que se mantém como intervenção basilar, é o conhecimento do meio prostitucional e dos seus agentes de modo a desenvolver ações de prevenção e de apoio às mulheres.

Defendem que legalizar a prostituição é legalizar máfias e organizações criminosas que traficam mulheres, tornando-as escravas dos tempos modernos. Assim, os

² <http://www.mouvementdunid.org/> (consultado pela última vez a 5/03/2018).

³ <http://www.oninho.pt/> (consultado pela última vez a 5/09/2018).

princípios da instituição passam pela defesa dos direitos humanos, e em particular, dos direitos das mulheres. Todos os serviços da instituição foram criados de acordo com as necessidades e solicitações das mulheres. Dispõem de oficinas de treino ao trabalho, de um centro de atendimento, um centro ocupacional, um lar e de uma equipa de intervenção em meio prostitucional. Todos estes serviços fazem o acompanhamento social da mulher e do seu agregado familiar, procurando um caminho de mudança através de uma relação contratual, que desencadeia uma relação de proximidade e de afetividade.

Como é lema da instituição, n'O Ninho *há sempre alguém que escuta, compreende e respeita!*

3.1. Intervenção em meio prostitucional

O trabalho de rua constitui a primeira linha de intervenção de O Ninho, tendo como objetivo conhecer o meio prostitucional, os seus intervenientes e locais de atividade para assim poder estabelecer formas de atuação que visam “a promoção das jovens e mulheres que são prostituídas”. Na cidade de Lisboa, os principais locais de prostituição de rua são o Parque Eduardo VII, Intendente, Martim Moniz, Cais do Sodré e Monsanto. Sendo estas áreas tradicionais de prostituição na capital portuguesa, a intervenção é diária (de segunda a quinta-feira), dedicando um dia da semana a cada um dos locais; as sextas-feiras são reservadas para a intervenção na margem sul do Tejo, em particular na Reta de Coima, no Parque Industrial do Seixal e N378.

Os diferentes meios, quer de prostituição de rua quer de berma da estrada, requerem diferentes abordagens. Nas intervenções no Parque Eduardo VII a observação é fulcral. A observação é um ponto-chave para o trabalho da Associação nesta área da cidade porque o Parque é um local bastante movimentado e é importante perceber quem são as mulheres que se estão a prostituir, para que a abordagem seja discreta, evitando a sua exposição. Assim, antes de qualquer abordagem observamos todo o meio. É necessário perceber se existem homens em automóveis a observar as mulheres, quantas mulheres se encontram no local, quais as que já conhecemos e as que são novas no local. Todos estes fatores são fundamentais para realizar com algum êxito uma intervenção em meio prostitucional, pois é fundamental perpetuar as relações que são estabelecidas com as mulheres. O Intendente, Martim Moniz e Cais do Sodré são locais muito movimentados e, em alguns casos, o mundo da prostituição cruza-se com o do consumo de substâncias. Nestes locais a abordagem é mais direta. Muitas das mulheres são já nossas conhecidas

e, para elas, é muito importante quando tiramos “cinco minutos do nosso tempo” para conversar. Em Monsanto a abordagem acaba por ser uma mistura das anteriores. O espaço permite-nos alguma observação, mas a abordagem tem de ser direta, já que quando a mulher concorda em ir com o cliente e se afastam do local podemos não voltar a encontrar aquela mulher. Em qualquer destes locais, se a situação suscitar dúvidas, isto é, se a mulher está ou não a prostituir-se, opta-se por não abordar a mulher, ou seja, observamos e sinalizamos e numa próxima intervenção será concretizada a abordagem.

A intervenção na margem sul do Tejo ocorre na reta de Coina, Parque Industrial do Seixal e na N378, sendo realizada duas vezes por mês, uma no início e outra no final de cada mês. O objetivo desta intervenção é fortalecer as relações que já foram criadas com as mulheres e ouvi-las. Muitas vezes é desta forma que obtemos informações sobre as novas mulheres que vão surgindo naquelas áreas. A intervenção é feita sempre de carro, já que é o meio que permite percorrer as retas em toda a sua extensão.

As equipas deslocam-se aos vários locais com o objetivo de dar a conhecer às mulheres os apoios que a instituição presta e os apoios disponíveis na comunidade, bem como a forma de os alcançar. A equipa não utiliza qualquer identificação, de modo a evitar que se crie algum distanciamento entre as mulheres e a equipa que as aborda.

A intervenção tem como objetivo final o estabelecimento de uma relação de confiança, que permite às mulheres falarem de si próprias e da sua vida, das suas experiências, do meio, das dificuldades e problemas. Na abordagem é apresentada a instituição e os apoios disponíveis, entregando um cartão com todos os nossos contactos e apoios da instituição; estes cartões estão disponíveis em português, romeno e inglês⁴.

Após cada intervenção é elaborado um relatório, onde se regista o percurso efetuado, o nome e a nacionalidade das mulheres que abordamos, o que nos foi relatado, o meio e tudo aquilo que no momento considerarmos necessário registar. Estes relatórios são muito importantes para que haja uma continuidade do trabalho de rua, permitindo às equipas que não estiveram no local inteirar-se do que foi feito e prosseguir no sentido de promover o contacto com as mulheres.

⁴ Os cartões estão disponibilizados nestes idiomas para que se consiga chegar ao maior número de mulheres. No caso das mulheres do leste europeu e das nigerianas, muitas delas apresentam dificuldades na compreensão do português, como tal a instituição achou benéfico ter um cartão em inglês (língua mais utilizada pelas nigerianas) e um em romeno (dirigido às nacionais de países da Europa de leste).

Ao longo do trabalho de rua tem-se verificado que há uma diminuição da prostituição de rua. Perante esta realidade e, devido ao aumento do número de mulheres a prostituírem-se em apartamentos, O Ninho tem investido cada vez mais na intervenção via SMS. A finalidade desta intervenção é apresentar a instituição como uma alternativa de apoio a mulheres em situação de prostituição e vítimas de tráfico para exploração sexual. O intuito é chegar ao maior número de mulheres que, devido a prostituírem-se em locais fechados como casas/apartamentos, são inacessíveis à equipa.

Semanalmente são enviados SMS para todos os anúncios publicados na secção de convívio do jornal *Correio da Manhã*, correspondentes ao território da Grande Lisboa. Os contactos telefónicos são registados numa base de dados, sendo feita a filtragem dos números que se repetem. É muito importante registar as respostas que nos dão, uma vez que desta forma percebemos se as mensagens chegam às mulheres. A experiência indica que muitos dos SMS não chegam diretamente às mulheres, mas sim a quem as controla. Mesmo perante este cenário, justifica-se insistir neste meio de intervenção para alcançar as mulheres que se encontram menos controladas e conseguem ter acesso à nossa mensagem.

Esta intervenção tem ainda como objetivo a recolha de elementos para um melhor entendimento desta forma de prostituição. A informação que é dada pelas mulheres é fundamental para a análise pormenorizada destes anúncios e para entender as várias estratégias utilizadas na publicitação de cada mulher, obtendo assim a sua rentabilização. A imagem da mulher é na maioria das vezes fabricada por terceiros, que pode ser o proxeneta, o namorado ou marido, o dono do bar ou do apartamento. Este facto é confirmado pelo surgimento do mesmo número de telemóvel em vários anúncios.

São utilizadas diversas estratégias de *marketing* para responder às mais variadas fantasias dos clientes. Ao analisar os anúncios verifica-se que, para abarcar as possíveis fantasias, adapta-se a imagem da mulher a várias categorias: idade, características físicas, práticas sexuais, atividades profissionais específicas (estudantes, enfermeiras, professoras) e nacionalidades (meninas chinesas, japonesas, russas, ucranianas, angolanas, cabo verdianas). Em alguns destes anúncios existe um apelo à situação de vulnerabilidade económica “*portuguesa mãe solteira*”, fazendo com que a imagem do cliente seja a do protetor/salvador que vai ajudar a mulher em dificuldades.

As redes de tráfico encontram nestes anúncios uma forma de divulgação da sua “mercadoria”, permitindo a rotatividade e baixos custos para a organização. Como as redes mantêm sob a sua alçada jovens de várias nacionalidades, acabam por ter oferta para todo o tipo de procura.

Como referimos, tem-se verificado que a prostituição de rua está a diminuir. Isto acontece porque as mulheres estão a ser retiradas das ruas para se prostituírem em apartamentos privados. Devido a esta mudança, a equipa de intervenção em meio prostitucional iniciou no mês de janeiro (2018) um novo projeto de intervenção via SMS que, nesta fase, se restringe às zonas do Areeiro, Alameda, Anjos, Av. Almirante Reis, Saldanha, Picoas e Marquês de Pombal em Lisboa. Para a seleção de anúncios utilizamos não só a informação contida na área de convívio do jornal *CM*, mas também os *sites* de acompanhantes e *sites* de convívio. A distribuição de preservativos tem sido utilizada por nós como forma de chegar a estas mulheres. Com este projeto procura-se conhecimento sobre a prostituição em apartamentos, quais as condições das mulheres, quais os valores pagos pelos clientes, se há diferença em relação aos preços praticados na rua e qual o nível de controlo das mulheres por parte dos proxenetas. Quando somos contactadas por estas mulheres, muitas marcam o encontro à porta do apartamento, ou até mesmo noutro lugar, para que não se incomode o trabalho das colegas.

3.2. Centro de Atendimento

Localizado na Rua Luciano Cordeiro, o Centro de Atendimento (CA) de O Ninho teve como localização inicial o Bairro Alto, local onde, no passado, a prostituição tinha grande incidência na cidade de Lisboa⁵ É um espaço reservado que proporciona às mulheres um ambiente acolhedor, de compreensão, de aceitação e de confiança. O trabalho do CA está profundamente ligado à intervenção em meio prostitucional. A equipa é comum a estes dois serviços o que permite uma melhor coordenação e uma maior proximidade às mulheres. É feito o acompanhamento psicossocial das mulheres que se encontram em situação de prostituição, bem como das que pedem apoio para a construção de um projeto de vida. Para receber apoio do centro de atendimento não é condição deixar a prostituição.

⁵ Sobre a prostituição na Lisboa boémia dos inícios do século XX ver J. Machado Pais, *Análise Social*, vol. XIX (77-78-79), 1983-3. °, 4. ° 5. °, 939-960.

Para cada caso é feito um estudo e avaliação da situação da mulher, das dificuldades, necessidades, expectativas e sonhos. Por detrás de cada mulher há uma história de vida, de violência e abusos, de falsas promessas, sonhos desfeitos, mas o traço comum é que todas estas histórias culminaram na violência da prostituição. Cada mulher é um ser individual e cada história é fundamental para perceber em que altura da vida “falharam” e como será possível ajudá-las a alcançar aquilo a que aspiram.

Um dos compromissos assumidos no CA é fazer o encaminhamento de cada mulher para os serviços mais adequados, procurando dar resposta às suas necessidades e tendo em vista a sua reinserção social. É fundamental escutar a mulher, compreender e refletir acerca da melhor forma de ultrapassar o problema concreto, “*fazer com elas e não por elas*”.

3.3. Lar, “uma casa de afetos, de proteção e de segurança”⁶

Devido ao elevado número de pedidos de mulheres que procuram uma alternativa habitacional ao meio prostitucional, a instituição sentiu necessidade de criar um espaço onde se desse “o corte” com a situação de prostituição; assim, em 1969, é criado o lar. Este serviço disponibiliza uma resposta habitacional temporária, estando aberto das 9h às 23h todos os dias, incluindo fins de semana, férias e feriados. Entre as 23h e as 9h as mulheres são responsáveis pela segurança e manutenção do espaço, bem como aos fins de semana, já que o técnico trabalha apenas no turno da noite (17h às 23h).

É neste espaço que funciona também a cantina. As refeições são confeccionadas por uma das utentes para todas as que almoçam e jantam no lar. A mulher que estiver de serviço na cantina fica dispensada do trabalho das oficinas e cabe-lhe ainda a tarefa de limpar a cozinha e alguns dos espaços comuns do lar.

O principal objetivo do lar é a reeducação. É promovida a gestão doméstica, ou seja, são distribuídas tarefas diárias por todas as utentes, como a limpeza dos espaços comuns e privados e a confeção das refeições. É também treinada a gestão do orçamento disponível, ou seja, é ensinado à mulher a gestão do ordenado de forma mensal, já que todas estas mulheres estão habituadas a gerir o seu dinheiro ao dia. As mulheres pagam assim, mensalmente, um valor simbólico pelas refeições e pela estadia.

⁶ Afirmação de Marisa Pinto, Coordenadora do Lar.

Não há um tempo limite para residir no lar. É respeitado o *timing* de cada mulher, considerando as suas necessidades, já que cada mulher é um ser único e singular.

3.4. Oficinas

Nas oficinas treinam-se as competências sociais e laborais das mulheres. São um espaço de aprendizagem e obtenção de competências necessárias à inserção no mercado de trabalho. Ali são treinados aspetos como o cumprimento de horários, responsabilidade, pontualidade, assiduidade e postura adequada, através da aquisição de hábitos de trabalho de modo a desenvolver e melhorar as capacidades de cada mulher.

O horário de trabalho decorre entre as 9h e as 12h e das 14h às 17h30. Nas oficinas são aplicadas as leis gerais do trabalho e, como tal, as mulheres recebem um subsídio mensal de 360 euros. O objetivo é promover a transição deste meio protegido para o mercado de trabalho.

Nas oficinas fabricam peças de artesanato, cujo lucro das vendas reverte para as mulheres. Mais que o resultado de todo o processo de produção, o importante é dar-lhes uma rotina de trabalho e de cumprimento de prazos. Quando as mulheres se sentem preparadas e expressam a vontade de arranjar um emprego fora da instituição, os técnicos ajudam na procura de trabalho, na elaboração ou atualização do *currículo vitae* e no seu envio para as candidaturas selecionadas.

O Ninho tem procurado respostas para a necessidade de inserção no mercado de trabalho. Em 2001 foi criado, em parceria com a Câmara Municipal de Lisboa, o Protocolo das Jardinagens que possibilitou a integração de 12 mulheres como técnicas de manutenção de jardins e espaços verdes da cidade. Este protocolo continua a permitir um acompanhamento psicossocial pelos técnicos das oficinas e do Lar, em coordenação com os funcionários camarários responsáveis. O objetivo deste protocolo é a autonomia e independência gradual da mulher.

3.5. Centro Ocupacional

O centro ocupacional é o serviço mais recente da Associação. É um serviço dedicado às utentes que se encontram em situação de exclusão social, e que devido à idade avançada ou incapacidade física e/ou mental não podem ser integradas no mercado de trabalho.

Um dos grandes objetivos deste serviço é combater o isolamento social e a solidão, bem como o sentimento de incapacidade e inutilidade que muitas destas mulheres desenvolvem. O Centro proporciona atividades lúdicas que permitem o exercício das funções cognitivas e atividades físicas para que haja a manutenção da mobilidade. Entre as atividades semanais, o Centro oferece aulas de alfabetização, *ateliers* de compotas e desidratação de frutas, o fabrico de artesanato, aulas de hidroginástica e ginástica e vários passeios, que incluem idas a museus, colónia de férias, entre outros.

Este é um serviço de grande valor, pois devolve às mulheres o sentimento de pertença e de utilidade, bem como promove a sua integração social.

4. Tráfico de Seres Humanos: enquadramento teórico

4.1. Tráfico de Seres Humanos *versus* Auxílio ilegal à imigração

A Convenção das Nações Unidas contra o crime organizado transnacional foi estabelecida no ano 2000. Embora a designação de Protocolo de Palermo seja geralmente atribuída ao relativo ao tráfico de pessoas a Convenção engloba três protocolos, o Protocolo Adicional Relativo à Prevenção, à Repressão e à Punição do Tráfico de Pessoas, em especial de Mulheres e Crianças (aprovado e ratificado em Portugal pela Resolução da Assembleia da República n.º 32/2004, de 02/04); o Protocolo Adicional contra o Tráfico Ilícito de Migrantes por Via Terrestre, Marítima e Aérea (igualmente aprovado e ratificado pela Resolução da Assembleia da República n.º 32/2004, de 02/04); e, por fim, o Protocolo Adicional contra o Fabrico e o Tráfico Ilícito de Armas de Fogo, das suas Partes, Componente e Munições (aprovado pela Resolução da Assembleia da República n.º104/2011, DR I, n.º88, de 06/05/11).

O Protocolo Adicional Relativo à Prevenção, à Repressão e à Punição do Tráfico de Pessoas, em especial de Mulheres e Crianças define o tráfico de seres humanos como o recrutamento, transferência, transporte, acolhimento, ou receção de pessoas através da

ameaça ou uso de força ou de outras formas de coação, rapto, fraude, abuso de poder ou de posição de vulnerabilidade, o receber de pagamentos ou benefícios para atingir o consentimento de uma pessoa para ter controlo sobre outra para a sua exploração. O Protocolo define ainda a exploração como o trabalho forçado ou serviços, escravaturas ou práticas semelhantes a escravatura, servidão ou remoção de órgãos (Nações Unidas, 2000). Por sua vez, o Protocolo Adicional das Nações Unidas contra o tráfico ilícito de migrantes por via terrestre, marítima e aérea define o *smuggling* de migrantes, ou seja, o auxílio à imigração ilegal como *the procurement, in order to obtain, directly or indirectly, a financial or other material benefit, of the illegal entry of a person into a state party of which the person is not national or a permanent resident* (Nações Unidas, 1999).

O crime de Tráfico de Pessoas está previsto no código penal português desde 1982, atualmente regido pelo art. 160º, depois da grande reformulação ocorrida em 2007 e posterior revisão em 2013. Uma vez que em 2004 Portugal assinou e ratificou o Protocolo de Palermo e os Protocolos Adicionais, e também a Decisão Quadro 2002/629/JAI do Conselho (substituída pela Diretiva 2011/36/EU do Parlamento Europeu), era necessário fazer a atualização daquele que era o art. 169º. Assim, o art. 160º⁷ prevê, no seu n.º 1, uma pena de 3 a 10 anos para o crime de tráfico de pessoas a “quem oferecer, entregar, aliciar, aceitar transportar, alojar ou acolher pessoas para fins de exploração sexual, exploração do trabalho ou de extração de órgãos: por meio de violência, rapto ou ameaça grave; através de artil ou manobra fraudulenta; com abuso resultante de uma relação de dependência hierárquica, económica, de trabalho ou familiar; aproveitando-se de incapacidade psíquica ou situação de especial vulnerabilidade da vítima; ou mediante a obtenção do consentimento da pessoa que tem o controlo sobre a vítima”.

No que diz respeito ao auxílio à imigração ilegal, este é previsto pelo art. 183º, na Lei n.º 23/2007. O seu n.º 1 prevê uma pena até 3 anos a quem favorecer ou facilitar, por qualquer outra forma, a entrada ou o trânsito ilegais de cidadão estrangeiro em território nacional. O n.º 2 prevê uma pena de 1 a 4 anos a quem favorecer ou facilitar, por qualquer forma, a entrada, permanência ou o trânsito ilegais de cidadão estrangeiro em território nacional, com intenção lucrativa. Por fim, o n.º 3 prevê uma pena de 2 a 8 anos se os

⁷ Retificado pela Declaração de Retificação n.º 39/2013 - Diário da República n.º 192/2013, Série I de 2013-10-04, em vigor a partir de 2013-08-28.

factos forem praticados mediante transporte ou manutenção do cidadão estrangeiro em condições desumanas ou degradantes ou pondo em perigo a sua vida ou causando-lhe ofensa grave à integridade física ou a morte.

No código penal está também previsto o crime de lenocínio. É importante salientar que o exercício da prostituição não é criminalizado, mas o lenocínio constitui um crime. Assim, o art. 169 no n.º 1 prevê pena de prisão de 6 meses a 5 anos a quem, “profissionalmente ou com intenção lucrativa fomentar, favorecer ou facilitar o exercício por outra pessoa de prostituição. Esta agrava-se com pena de 1 a 8 anos, no n.º 2, quando o agente usa violência, ameaça grave, manobra fraudulenta, abuso de autoridade resultante de uma dependência hierárquica, económica ou de trabalho, ou se aproveita de incapacidade psíquica da vítima ou de qualquer outra situação de vulnerabilidade”.

Acompanhando os esforços europeus e internacionais, Portugal iniciou em 2007 os Planos Nacionais contra o Tráfico de Seres Humanos e em 2008 foi criado o Observatório do Tráfico de Seres Humanos com o objetivo de produzir, recolher, tratar e disseminar informação e conhecimento sobre tráfico de seres humanos e outras formas de violência de género, em colaboração com a coordenação do Plano Nacional Contra o Tráfico de Seres Humanos⁸. Atualmente está já aprovado o IV Plano de Ação para a Prevenção e o Combate ao Tráfico de Seres Humanos (2018-2021) que “visa reforçar o conhecimento sobre a temática do tráfico de seres humanos, assegurar às vítimas um melhor acesso aos seus direitos, qualificar a intervenção e promover a luta contra as redes de crime organizado, nomeadamente desmantelando o modelo de negócio e desmontando a cadeia de tráfico ” (Resolução do Conselho de Ministros nº 80/2018).

No transporte ilegal de migrantes é necessário fazer a distinção entre o auxílio à imigração ilegal (*smuggling*) e o tráfico. A United Nations Office on Drugs and Crime (UNODC, 2018) identifica as diferenças entre o auxílio à imigração ilegal e o tráfico de seres humanos, considerando o consentimento, o propósito do crime, a transnacionalidade, os lucros e a tipologia do crime (*what or whom*). O *smuggling* está ligado às políticas de migração, tratando-se de um contrato entre duas partes: por um lado, a pessoa que aceita transportar outras de forma ilegal (*smuggler*), e por outro, a pessoa que se propõe ser transportada ilegalmente (*smuggled*). As situações de tráfico supõem que haja engano, fraude, coerção, força ou exploração por parte do traficante perante a

⁸ <https://www.otsh.mai.gov.pt/apresentacao/> , consultado pela última vez a 26/11/2018.

pessoa traficada, sendo sustentado pela fraca legislação, pela ineficácia do controlo das fronteiras, pela corrupção de entidades policiais e o poder dos grupos de crime organizado. O auxílio à imigração ilegal constitui uma violação dos direitos do Estado, enquanto o tráfico é uma violação dos direitos humanos (Fernandes, 2016).

Segundo Aronowitz (2001), existem quatro elementos que diferenciam o auxílio à imigração ilegal do tráfico de seres humanos: i) as pessoas que recorrem ao auxílio à imigração ilegal viajam sempre voluntariamente; ii) as pessoas traficadas podem iniciar a sua viagem voluntariamente ou podem ter sido coagidas ou raptadas; iii) estabelece-se uma relação de interdependência entre as pessoas traficadas e os traficantes; iv) as pessoas traficadas são exploradas durante um longo período.

As situações de auxílio à imigração ilegal transformam-se em tráfico quando a pessoa que embarcou voluntariamente se vê coagida a uma dívida que não era a inicial e é obrigada a pagá-la com trabalho forçado, incorrendo assim numa situação de exploração. De salientar que os modos de pagamento são diferentes em situações de auxílio à imigração ilegal e em situações de tráfico. Na primeira, é geralmente pago um montante no início da viagem e o restante à chegada; em situações de tráfico os indivíduos pagam uma percentagem no início, mas incorrem numa dívida que é originada pela documentação necessária (passaporte, passagens, vistos). Esta dívida vai ser paga através de mecanismos de exploração, e no caso das mulheres, da exploração sexual. Muitas vezes, a dívida vai aumentando de modo a obrigar a vítima a permanecer na situação de exploração durante mais tempo do que aquele que foi acordado.

A nível europeu, as principais rotas de auxílio à imigração ilegal são a *Central Mediterranean route* (com destino a Itália-Malta), a *Eastern Mediterranean route* (com destino à Grécia) e a *Western Mediterranean route* (com destino a Espanha). As rotas secundárias consistem na *Eastern Borders route*, na *Black Sea route* (que parte da Turquia com destino à Roménia e Bulgária) e a *Western Balkans route* (com destino à Roménia, Hungria e Croácia) (Fig. 1).



Fig.1 – Principais rotas de *Smuggling* para a Europa

Fonte – UNODC 2018

Estima-se que em 2015, com o agravamento da guerra civil na Síria, tenham entrado na Europa, por via marítima ou terrestre, cerca de 1 milhão de migrantes e refugiados (IOM, 2018). Desde então, e apesar da diminuição das entradas em situação irregular⁹, mais de 90% destes migrantes continua a utilizar as rotas do Mediterrâneo para alcançar a Europa, muitas vezes com risco de vida¹⁰. Em 2015, o maior número de cidadãos detetados nas três rotas, pertencia à Síria (48%), seguidos pelos Afegãos (20%). Em 2016 os Sírios representavam apenas 23%, os Afegãos 12% e verifica-se uma maior afluência de cidadãos africanos¹¹. Analisando por rota, a do Mediterrâneo central, em 2015 registava 153,842 chegadas, na sua maioria de cidadãos Eritreus (23%); em 2017 regista-se um declínio para 119,369 chegadas, sendo maior a diversidade de nacionalidades - o grupo “outros” detém 29% do total e os Nigerianos (15%). Na rota Leste, que serve na grande maioria cidadãos do Médio Oriente, em 2015, os Sírios representavam 57% do total de chegadas, registando-se, em 2017, um declínio para 38%. A rota Ocidental é utilizada maioritariamente por cidadãos africanos que procuram chegar a Espanha. Em 2017 as nacionalidades mais registadas foram a Guineense (19%), a Costa Marfinense (15%) e a Síria (12%). Para além de serem rotas de contrabando, estas rotas

⁹ O estabelecimento de diferentes acordos bilaterais, nomeadamente entre a Itália (principal porta de entrada na Europa) e a Líbia e entre as autoridades europeias e a Turquia, contribuíram para reduzir em mais de 80% o número de migrantes que chegaram através do Mediterrâneo entre 2015 e 2017.

¹⁰ A rota central continua a ser a mais mortífera – 2834 migrantes mortos e desaparecidos em 2017 num total de 3119 para todo o Mediterrâneo (International Organization for Migration, 2018).

¹¹ Os números relativos ao primeiro semestre de 2018 indicam que o Mediterrâneo ocidental voltou a ser a mais ativa rota migratória para a Europa (14770 entradas irregulares, quase o dobro do mesmo período de 2017) e Espanha o principal país de destino. A maioria destes migrantes é originária de Marrocos, Guiné e Mali (Frontex, 2018).

servem várias redes de tráfico, que as utilizam como corredores de transporte do capital humano (UNODC, 2018).

O tráfico de seres humanos representa um setor altamente rentável a nível económico. Estima-se que, no mundo, os ganhos sejam de 32 mil milhões de euros por ano, representando o tráfico para exploração sexual a maior fatia (28 mil milhões dos 32 mil milhões). Dados recolhidos pela International Labour Organization, em 2012, estimam em 20,9 milhões as vítimas de tráfico, das quais 22% (4,5 milhões de pessoas) vítimas de exploração sexual (International Labour Organization, 2012).

No que diz respeito à Europa, no período entre 2012 e 2014 foram identificadas 15,200 vítimas, nas regiões da Europa Ocidental e do Sul. Destas, 56 % eram mulheres. O tráfico para fins de exploração sexual é o mais comum representando 67%, seguido do tráfico de para exploração laboral que representa 30% (UNODC, 2016, p. 75). No caso europeu, estima-se que o tráfico tenha aumentado na última década e que cerca de 2/3 das vítimas são cidadãs europeias, maioritariamente da Roménia, Bulgária, Ucrânia, Moldávia e Rússia. José Mendes Botas afirma que o alargamento da UE de 2007 terá contribuído para incrementar o tráfico de mulheres da Europa Central e do Sudeste, já que a maior parte das vítimas são búlgaras e romenas (Mendes Botas, 2014).

4.2. Perfil da vítima

Em Portugal, o tráfico para fins de exploração sexual atinge maioritariamente vítimas originárias do Brasil, Europa de Leste (Roménia e Moldávia) e África (Nigéria) (Sistema de Segurança Interna, 2018). Segundo o Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo (SEF, 2018), em 2017 as nacionalidades com maior número de imigrantes em Portugal eram o Brasil com 85,426 pessoas, Cabo Verde com 34,986, a Ucrânia com 32,453 e a Roménia com 30,750 pessoas. Estas quatro nacionalidades correspondem a cerca de 44% do total de estrangeiros residentes em Portugal nesse ano. As mulheres são em maior número (215,837), representando 51,2% da população estrangeira, e predominam os ativos jovens, ou seja, na faixa etária 20-39 anos (SEF, 2018). Estes números traduzem também as nacionalidades mais representadas na prostituição na região de Lisboa, como pudemos deduzir da amostra do estudo realizado durante o estágio.

Em 2014¹², a equipa de intervenção em meio prostitucional da Associação O Ninho realizou 175 intervenções no terreno. Nestas quase duas centenas de intervenções de rua identificaram-se as seguintes nacionalidades como as mais expressivas na zona da Grande Lisboa e na Península de Setúbal: a portuguesa (63% das mulheres abordadas eram portuguesas), seguindo-se as romenas, que representavam 15%, as brasileiras com 8%, as nigerianas com 5%, as angolanas e cabo verdianas com 3% e, por fim, as ganesas com 2%. Em 2017, confrontadas com a nova realidade do cenário de prostituição¹³, a equipa realizou 60 intervenções no terreno. Nestas intervenções de rua foram identificadas nacionalidades com maior expressão na região de Lisboa e verificou-se uma diminuição das nacionalidades presentes na rua bem como o número de mulheres: as portuguesas representavam 55% das mulheres abordadas, seguindo-se as romenas (13%), as brasileiras com 12% e as moldavas e nigerianas com 6%.

No caso do tráfico oriundo do Brasil as vítimas são mulheres com idades compreendidas entre os 20 e 30 anos, na maioria, vindas do nordeste brasileiro. As mulheres provêm de meios sociais desfavorecidos com níveis de escolaridade baixos. Muitas das mulheres provenientes do interior brasileiro são vítimas do tráfico interno. São levadas das zonas mais pobres do país para as grandes cidades, e mais tarde introduzidas no mercado internacional (Silva e Ribeiro, 2010). Os fatores de atratividade na migração para Portugal passam pelos laços históricos, o idioma comum, o acesso a redes sociais de apoio, a presença de familiares ou conhecidos, a proximidade cultural e a facilidade de obter vistos, devido à assinatura do Acordo Lula¹⁴ (Neves, 2010, p. 185). Apesar das mulheres representarem metade dos imigrantes brasileiros em Portugal (SEF, 2018), as migrantes brasileiras são afetadas pela interação das noções de sexualidade, género, etnicidade e nacionalidade. Aos olhos da sociedade portuguesa, a mulher brasileira tem associada uma certa simbologia sexual, sendo frequentemente erotizada e vista como menos capacitada. A construção do estereótipo da mulher brasileira assenta na imagem da figura exótica e orientada para as práticas sexuais a troco de dinheiro a que

¹² Entre fevereiro de 2013 e março de 2014 a Associação desenvolveu o Projeto Falar Claramente sobre Violência de Género, que permitiu às técnicas da equipa de intervenção em meio prostitucional fazer não só mais intervenções, mas também alargar as zonas de intervenção (O Ninho, 2014).

¹³ Pontos de rua como a área do Instituto Superior Técnico (Alameda) e Monsanto saíram do roteiro de prostituição em Lisboa e pontos como a Rua da Artilharia 1 (Lisboa) e a cidade de Setúbal registaram menor afluência de mulheres, o que levou a equipa a diminuir as deslocações a estes locais.

¹⁴ Assinado a 11 de julho de 2003, previa a legalização de todos os cidadãos brasileiros que tinham entrado no país até 2003, e que tinham um contrato de trabalho válido. Este acordo permitiu a legalização de cerca de 30 mil brasileiros em situação irregular em Portugal (Lusa, 2018).

está associado um estatuto de marginalidade. De acordo com Neves (2010), é dentro desta lógica que se dá a sua subordinação em Portugal. Para além de serem relegadas a empregos mais precários no mercado português, com baixo prestígio social, baixa remuneração, horários estendidos e demais tipos de exploração, essas mulheres encontram-se presas à imagem de serem alegres e festivas, sensuais e exóticas (Neves, 2010, p. 186).

As redes de tráfico são, no caso das mulheres brasileiras, normalmente compostas por portugueses e brasileiros. No caso destes últimos, os angariadores são, sobretudo, da região do Nordeste, São Paulo e Rio de Janeiro (Peixoto, 2007). Apesar dos traficantes serem na maioria homens, há mulheres envolvidas, especialmente ao nível da angariação, como donas de casas de alterne ou apartamentos. Segundo Peixoto, as redes de tráfico brasileiras apresentam uma escassa estruturação e pequena dimensão. Trata-se de conjuntos de poucos indivíduos, organizados de modo informal, isto é, num certo sentido, trata-se de redes quase “artesaniais” (Peixoto, 2007, p. 82).

No que diz respeito às vítimas provenientes da Europa de Leste, as redes de tráfico são geralmente compostas por homens de nacionalidade russa, ucraniana, moldava e romena demonstram uma estrutura fortemente organizada (Peixoto, et al., 2005). Existem equipas que operam no país de origem, estando a seu encargo o recrutamento das mulheres, e existem as equipas que se encarregam de organizar a documentação e viagens. Segundo Sabino, citado por Peixoto, et al., 2005, existem códigos de conduta e esquemas muito bem montados. Nos grupos de Leste as práticas não se cingem a um só tipo de tráfico. No tráfico de mulheres, as redes centram-se na angariação, em articulação com os angariadores e agências de viagens locais, na respetiva colocação no mercado e no levantamento dos lucros obtidos com cada mulher (Peixoto, et al., 2005).

As mulheres são recrutadas por compatriotas e os angariadores asseguram o financiamento e documentação necessários para a viagem. Com estas mulheres é utilizada com frequência a técnica do *lover boy*. Esta técnica consiste no aliciamento da mulher para uma relação estável e, quando já existirem laços de confiança, o homem acaba por inserir a mulher nos esquemas de tráfico. Muitas mulheres são aliciadas com promessas de emprego ou são coagidas através de ameaças dirigidas não só a si, como também aos seus familiares (Peixoto, et al., 2005).

Os níveis de violência a que estas mulheres estão expostas são mais elevados e gravosos quando comparadas com as brasileiras. Inflige-se muita violência física contra estas mulheres. Algumas são violadas e experimentadas para que haja a quebra física e psicológica e a submissão total. Tomando como exemplo um caso trabalhado por Catarina Sabino (Peixoto, et al., 2005), é referido por forças policiais que as mulheres oriundas de países da Europa de Leste parecem estar sujeitas a um grau elevado de controlo e violência. Neste caso havia dois homens de Leste, entretanto constituídos arguidos, que se deslocavam periodicamente aos locais para recolher os lucros obtidos pelas mulheres. Para as constrangerem a manterem-se submissas e obedecerem aos seus desígnios, ameaçavam-nas que as matariam onde quer que se encontrassem, recorriam à ameaça da prática de atos contra familiares e infligiam-lhes ofensas corporais como forma de impor disciplina e de as manterem sob a sua influência (Peixoto, et al., 2005, p. 255).

O tráfico nigeriano concentra-se maioritariamente no estado de Edo, uma região no centro-sul do país com cerca de 8 milhões de habitantes e que constituiu um dos principais destinos dos europeus na África Ocidental durante o período colonial. A maior parte das vítimas pertence ao grupo étnico Edo e vem de Benim City, a capital do estado de Edo que se localiza a cerca de 250 quilómetros de Lagos, a capital da Nigéria.

As vítimas são muitas vezes traficadas com o consentimento dos pais, irmãos, namorado ou marido. A decisão da mulher migrar para a Europa é muitas vezes uma deliberação familiar, sendo encorajadas pelos próprios pais. Estes vêem a migração das filhas como um investimento para toda a família, considerando, como refere Carling (2006) que “(...) families are often favorably disposed to seeing the women immigrate because they often show more consideration towards the family than immigrate men, and become an important resource to the family members back home in Nigeria (...)”, (Carling, 2006, p. 24).

Mesmo que as mulheres saibam o trabalho que vão executar, muitas delas não entendem o nível de endividamento a que ficam sujeitas, as condições e duração dos dias de trabalho e a violência que enfrentam. Devido à falta de condições económicas, educação e a promessa de uma vida melhor, as mulheres não têm capacidade de questionar a “oferta” que lhes é feita, mesmo que suspeitem que existe algo de errado. A muitas raparigas é - lhes prometido a oportunidade de estudar, carreiras de modelo, uma vida melhor, trabalhos como governantas, empregadas domésticas, *baby-sitters*, trabalhos em lojas de produtos africanos, cabeleireiros, quintas ou restaurantes (Project, 2015).

Foi o que sucedeu com Ade¹⁵ aliciada por uma amiga a viajar para a Europa, na esperança de prosseguir os estudos e trabalhar. Despediu-se da mãe dizendo que ia viajar para Lagos e depois para Cotonou em jeito de passeio, para que a sua mãe não ficasse preocupada.

No que diz respeito às redes de tráfico, o tamanho e a escala da organização da rede podem depender da dimensão da operação e do número de mulheres a serem traficadas, a capacidade financeira e a forte rede de contactos. Muitos grupos operam numa rede mais “descontraída” usando os familiares para recrutar as vítimas. Outras redes são mais estruturadas, controlando o recrutamento, agentes de viagens, advogados e os indivíduos que forjam os documentos. As pessoas com mais influência no tráfico nigeriano possuem competências específicas. Têm muitos contactos importantes com oficiais militares e criam assim redes que organizam o tráfico humano. As redes que se formam em torno de projetos específicos mudam de composição frequentemente. Uma estrutura “descontraída” e flexível dá à rede uma forma de atuação eficaz e difícil de ser detetada pelas autoridades. O ponto-chave para a eficácia das redes é a sua habilidade de operar independentemente, enquanto atraem uma lista extensa de contactos para a rede.

Ade conta-nos que partiram numa carrinha Land Rover de caixa aberta, ela e a sua amiga, com cerca de 11 pessoas, dois homens e nove mulheres bastante jovens. Viajaram ao colo umas das outras, distâncias grandes e sempre que passavam por países diferentes, os homens que as acompanhavam mudavam. Foi através desta mudança que Ade começou a questionar a viagem. Partindo da Nigéria, recorda-se que passaram pelo Mali, Líbia até chegarem a Casablanca, Marrocos. Ade apercebeu-se do risco que estava a correr, pois a viagem começou a mostrar-se pouco segura, sem condições básicas e muito cansativa. De Marrocos para Espanha, Ade e todas as viajantes foram forçadas a atravessar o Mediterrâneo, num pequeno barco, completamente lotado.

Para além dos traficantes, existem outros indivíduos que ajudam a facilitar as operações. São eles os transportadores, os que recebem as mulheres, os donos de bordéis, os indivíduos que forjam os documentos, os guardas corruptos das fronteiras e os oficiais das embaixadas. A *madame* é a pessoa mais importante no tráfico de seres humanos. As *madames* são as mulheres que organizam o tráfico, fazem o recrutamento das raparigas e

¹⁵ Ade é um nome fictício. Esta é a história de uma das mulheres acompanhadas pela instituição. Pediu ajuda em 2012, e está a ser seguida desde então. Vamos acompanhar a sua história e assim procurar conhecer como atuam as redes de tráfico de mulheres nigerianas para exploração sexual na Europa.

monitorizam todo o processo. As vítimas vivem e trabalham sob o seu controlo. As *madames* estão conectadas nos países de origem e de destino e são muitas vezes relacionadas por parentesco (Project, 2015).

Uma rede de tráfico pequena consiste numa *madame* e um marido ou noivo fiel¹⁶, que exploram uma ou mais mulheres. As *madames* que estão no país de destino estão a par de todo o processo de tráfico. Elas controlam e organizam os grupos (entre 10 a 15 mulheres) e recolhem o dinheiro. Muitas das *madames* foram já vítimas e depois de pagarem a sua dívida incorporaram-se na rede. Muitas delas voltam para a Nigéria depois de pagarem a dívida. As que se tornam traficantes são muitas vezes as mais brutais e violentas (Project, 2015).

No caso de Ade, entraram em Espanha por Málaga, agora controladas de forma severa. As mulheres foram divididas, tendo o grupo da Ade sido entregue a uma mulher de nacionalidade nigeriana. Foi nessa altura que se arrependeu de ter viajado, pois constatou que tinha sido vendida.

A maioria das vítimas tem menos de 20 anos. O recrutamento de menores tem aumentado, já que as mulheres adultas começam a entender os riscos do tráfico humano. As *madames* procuram raparigas que não sejam virgens. Muitas das vítimas conhecem o seu “agente de viagem”¹⁷ através de membros da família, amigos ou redes que envolveram outras pessoas que já emigraram. O recrutamento acontece num ambiente familiar para a vítima, como por exemplo, a sua casa, na vizinhança ou no seu trabalho. Algumas vítimas são recrutadas por estranhos que as abordam na rua, e que em muitos casos, é uma pessoa que fez parte da comunidade, emigrou e regressou exibindo alguma riqueza. Os locais menos frequentes para o recrutamento são os bares, restaurantes, hotéis e escolas.

Os agentes de tráfico podem contactar os pais das raparigas diretamente e oferecer ajuda para as filhas emigrarem, mediante pagamento. Alguns recrutadores facilitam

¹⁶ Este acompanhante masculino pode ser um parceiro de negócio ou um caso amoroso e que é chamado de *madam's boy, madam's black boy, black boy ou maman boy*. Normalmente são jovens nigerianos e maridos contratados. A eles cabe-lhes algumas tarefas como vigiar as vítimas, fazer recados à *madame*, ir ao aeroporto ou estação de comboios recolher as mulheres à chegada e fazer de segurança da *madame*. Para além destas tarefas, é o motorista que vigia as mulheres enquanto elas trabalham na rua e que as leva a casa quando o “turno” termina (Project, 2015).

¹⁷ Traficante/ agente/ madame.

informações para viajar, outros organizam toda a viagem incluindo o transporte e documentos, enquanto outros só fornecem a informação de como migrar para a Europa.

Depois do contacto inicial com o agente, a vítima é posta em contacto com a *madame*. Os familiares, muitas vezes, precisam de vender os seus bens ou pedir dinheiro emprestado para conseguir pagar a quota de viagem. Quando é a mulher a fazer o contrato tem de se “oferecer” para pagar a dívida. A mulher e a sua família assinam um contrato com o traficante, dando como garantia os seus bens. As vítimas têm de escolher um dos familiares como guardião para assinar os papéis que autorizam a viagem, sendo este o alvo de ameaça e violência caso a vítima se torne pouco cooperante. A exploração da vítima pode começar no país de origem, onde os traficantes as podem violar ou ensiná-lhe a satisfazer o cliente, e a exploração continua durante a viagem. Algumas ficam grávidas, enquanto outras se começam a prostituir para sobreviver à viagem (Project, 2015).

Como forma de controlar Ade a referida senhora referiu que conhecia a sua família, e que tudo ia correr bem, desde que obedecesse às suas instruções. Ade tinha sido vendida por 9 mil euros, essa era a sua dívida.

Um dos métodos mais eficazes de manter as mulheres nigerianas sob coação é o *Voodoo*. O *Voodoo (Juju)*¹⁸ é uma religião tradicional que é praticada há séculos na Nigéria. Acredita-se que os espíritos governam a terra e todos os aspetos da existência humana. O *Juju* está incorporado na sociedade Edo independentemente da classe social ou do nível de educação.

Um juramento *Juju* funciona como um controlo psicológico, já que o medo de quebrar o juramento é muito grande. O propósito do juramento é a prevenção da revelação da identidade do traficante por parte da vítima. Serve ainda para garantir o pagamento da dívida acordada sem criar grandes problemas. Devido ao *Juju*, as mulheres nigerianas experienciam menos violência por parte dos traficantes, uma vez que, o medo as mantém controladas. Fazer o juramento reforça o pacto entre traficante e vítima, de tal modo, que alguns traficantes requerem que as vítimas (mulheres) façam o juramento garantindo, assim, a sua submissão. O medo das divindades e antepassados faz com que a exploração

¹⁸ Ade foi sujeita a um ritual *voodoo*, mas não acreditava nestes rituais. Para si as ameaças dirigidas à sua família eram mais eficazes, do que o quebrar do seu ritual.

das vítimas seja muito mais fácil, já que estas acreditam que quebrar o juramento provoca o enraivecimento das divindades e a consequência possa ser a morte (Carling, 2006).

Algumas cerimónias têm o objetivo de incutir o medo de represálias como a morte e a loucura ou para tornar a mulher mais forte, mais equilibrada e mais obediente aos espíritos. No templo, o padre *Juju* faz a cerimónia invocando os espíritos. Uma parte significativa da cerimónia é a montagem de um pacote. Estes pacotes contêm artefactos simbólicos e alguns itens que têm vários significados e funções. Os pacotes servem de ligação entre o padre e a vítima, mesmo depois de a mulher deixar o país. A algumas vítimas dá-se-lhes o poder de guardar os seus próprios pacotes e de os levar para a Europa, noutros casos são os traficantes que transportam os pacotes. Depois de a dívida estar paga a vítima volta a receber o seu pacote de volta como prova de que o pacto foi respeitado. O pacote pode ainda ser vendido à *madame* que compre a rapariga na Europa, transferindo assim o controlo espiritual da vítima para a *madame*.

As vítimas não estão dispostas a quebrar o seu juramento. Este também não pode ser renegociado e é considerado vinculativo onde as vítimas residirem. Esta é uma das principais razões pela qual as vítimas não cooperam com as autoridades no país de destino, o que complica a ação legal contra os traficantes. A crença no *Juju* é tão forte que muitas das vítimas que são resgatadas da rua regressam frequentemente à prostituição e para junto do traficante. Os rituais *Juju* causam às vítimas problemas psicológicos e psiquiátricos severos e, podem passar anos até que as vítimas se sintam salvas e recuperadas do *Juju*. Devido à natureza psicológica do *Juju*, as vítimas nunca estão salvas do medo subjetivo do juramento (Project, 2015).

4.3. Portugal nas rotas do tráfico

As rotas do tráfico, tal como os tradicionais fluxos migratórios, apresentam movimentações dominantes de Sul para Norte e de Leste para Oeste. A literatura identifica como principais regiões de origem do tráfico de seres humanos a Ásia, América do Sul, África Ocidental, Europa Central e de Leste, em particular, os países da ex-União Soviética. Por sua vez, são identificadas como áreas de destino a Europa Ocidental, Estados Unidos e Austrália (Fig. 2).



Fig.2 – Principais rotas Tráfico

Fonte – UNODC 2016

Portugal encontra-se entre os países de destino e de trânsito do tráfico na Europa Ocidental, sendo as rotas de chegada a Portugal diversificadas (Fernandes, 2016). Não há registo de que Portugal seja um país de origem no que diz respeito ao tráfico para fins de exploração sexual, embora seja mencionado como um país de trânsito para outros países, nomeadamente, o Leste Europeu (Fernandes, 2016).

O Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) de 2017 (Sistema de Segurança Interna, 2018) demonstra um decréscimo do número de vítimas sinalizadas em Portugal em relação ao ano anterior. Assim, em 2016 registaram-se 118 vítimas confirmadas, das quais 108 em Portugal, e apenas 3 de exploração sexual. Em 2017 foram confirmadas, pelas autoridades, 4 vítimas, das quais 3 em Portugal. Relativamente às sinalizações, em 2016 registaram-se 261 vítimas, número que diminuiu em 2017 para 175. Ainda em 2017, foram sinalizados 100 adultos como presumíveis vítimas de tráfico em Portugal, 47 dos quais foram classificadas como pendentes/em investigação pelas autoridades por presumíveis vítimas de tráfico para fins de exploração sexual, laboral, laboral e

escravidão, laboral e mendicidade forçada, coação/gravidez para adoção ilegal. Como destaca Henriques, estes dados “corroboram duas tendências em Portugal: o número elevado de portugueses entre as vítimas sinalizadas, fazendo deste não só um país de destino, mas também de origem de tráfico, e o facto, de, independentemente da sua nacionalidade, a finalidade do tráfico ser a exploração laboral” (Henriques, 2017).¹⁹

Com efeito, em Portugal o maior número de vítimas sinalizadas e confirmadas derivam da exploração laboral (58%, em 2016, segundo o OTSH). A partir deste número conclui-se que Portugal é um país de destino e de origem no que diz respeito à imigração laboral irregular, favorecida pela procura no setor agrícola, que vai promovendo oferta ao longo do ano com as várias apanhas - pera, maçã, vindimas, morangos, frutos vermelhos, azeitona, entre outros.

No caso da exploração sexual, a dificuldade em confirmar ou sinalizar vítimas é acentuada. Dado este facto, é muito difícil determinar se, para o mercado da exploração sexual, Portugal é um país de destino ou de trânsito. Na exploração sexual, as mulheres tornam-se mais rentáveis quando se apresentam perante o cliente como uma novidade. Assim, o proxeneta vai mantendo a mulher num determinado local enquanto tiver lucro, e quando verifica que a mulher deixou de ser rentável, esta é movimentada para outro local (rotatividade), onde mais uma vez vai ser novidade no mercado, seja dentro ou fora do país²⁰.

Ade e a mulher que a acompanhava viajaram para Lisboa. Quando chegaram a Sete Rios estava um homem que as acompanhou à compradora de Ade. De Lisboa viajaram para Coimbra onde permaneceram cerca de um ano. Voltaram para Lisboa. Nessa altura a mulher que a controlava tinha arranjado passagens para levar Ade para a Dinamarca. Da Dinamarca foi enviada para Espanha. Já em Espanha conseguiu, sem que a mulher que a controlava soubesse fugir para Portugal.

As mulheres podem ser ainda retiradas da rua e levadas para apartamentos durante uma temporada, para depois regressar à rua onde voltará a ser uma novidade. Um dos exemplos da atratividade resultante da novidade, são os *sites* de “anúncios de convívio”.

¹⁹<https://www.publico.pt/2017/04/05/sociedade/noticia/vitimas-de-trafico-de-seres-humanos-quadruplicou-e-e-o-maior-numero-de-sempre-1767650>, (Henriques, 2017) , consultado pela última vez a 6/03/2018

²⁰ No caso das mulheres nigerianas, mas também de outros países africanos, em que a entrada na Europa se faz através de Espanha, as redes acabam por funcionar à escala ibérica, o que explica a mobilidade entre as principais cidades espanholas e portuguesas.

Ao analisar detalhadamente os anúncios podemos ver que a publicitação de uma mulher vai passando por vários *sites*, alterando apenas o cabeçalho mais chamativo, as fotos (que regra geral não são reais) e a descrição do serviço. O número de telemóvel é o único elemento comum entre os vários anúncios. Também na rua, as mulheres contam que se movimentam pelos vários locais de prostituição para que sejam uma “cara nova” sempre que voltam a reaparecer.

A livre circulação no espaço *Schengen* dificulta a definição de países de destino e de trânsito. Portugal torna-se muito atrativo como país de trânsito, porque representa uma porta de entrada/ de acesso ao espaço Europeu. No caso das redes de tráfico de Leste, o facto de o país pertencer à União Europeia, faz com que, a movimentação pelo espaço europeu seja pouco controlado, uma vez que é um direito do cidadão europeu circular livremente pela UE. Assim, e quando analisamos alguns casos de redes de tráfico da Europa de leste, constatamos que as mulheres, antes da chegada a Portugal, passaram já por outros países como Itália, França, Alemanha, Holanda e Espanha. Mesmo quando se estabelecem em Portugal, vão sendo movimentadas na Península Ibérica, para que possam prostituir-se nos dois países de modo a conseguir o maior lucro possível. No caso das mulheres nigerianas, e sendo a Nigéria um país onde se conhecem alguns casos de tráfico, falsificação de documentos e corrupção em oficiais de embaixadas, os países europeus mostram alguma relutância em passar vistos ou autorizações de residência, logo a circulação é mais limitada.

5. O Estágio: conhecer a realidade

5.1. Intervenção no meio prostitucional: pontos de rua e apartamentos

Considerando os objetivos de investigação, o estágio na associação O Ninho incidiu maioritariamente no trabalho desenvolvido no centro de atendimento e na intervenção em meio prostitucional. As equipas são comuns a ambos os serviços e o trabalho complementa-se.

A intervenção em meio prostitucional (IMP) é feita sempre em equipas de dois. Uma vez que os elementos da equipa vão rodando, é importante manter sempre um dos elementos que esteve presente na última abordagem. Este fator é muito importante para

quando se inicia um novo contacto. É muito difícil para estas mulheres confiarem em alguém e, quando existe essa abertura, é preciso manter a pessoa que iniciou esse contacto para que seja possível reforçar a relação que se iniciou e aos poucos introduzir os outros elementos da equipa. As bases que identifiquei como cruciais para uma boa intervenção são a confidencialidade e o não julgamento da situação em que a mulher se encontra. Uma das frases que as técnicas dizem sempre que fazem a abordagem é *“para ter a nossa ajuda, não é condição que te deixes de prostituir”*. Embora o objetivo principal seja fazer com que a mulher deixe a prostituição, nunca lhe é negada a ajuda mesmo que escolha não o fazer. Quando fazemos intervenção não levamos algo que nos identifique como uma instituição, primeiro para que seja mais fácil falar com a mulher, e depois para não criarmos uma relação instituição e utente, mas sim para que seja possível uma relação humana. Depois de cada intervenção é elaborado um relatório onde é incluída informação sobre as mulheres com quem conversámos e o teor da conversa, o ambiente que nos envolvia, e tudo aquilo que considerámos importante. Estes relatórios servem para manter a equipa ao corrente daquilo que foi a intervenção e, para que quando regressassem pudessem dar continuidade à intervenção anterior.

A minha primeira semana de IMP foi uma introdução ao mundo da prostituição, uma introdução a uma realidade dura. As primeiras idas e os primeiros contactos foram muito difíceis. Foi preciso ultrapassar o choque inicial e absorver todos os conselhos, recomendações e ensinamentos. A minha primeira experiência de intervenção foi no Parque Eduardo VII (fig.3).

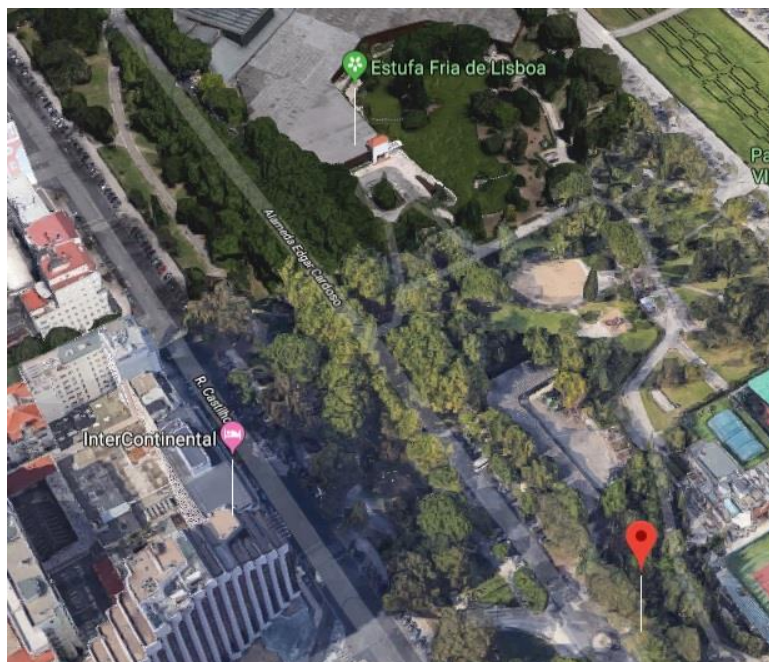


Fig.3 – Parque Eduardo VII

Fonte: Google Maps

De todos os locais onde fiz intervenção, o Parque foi, sem dúvida, o melhor local para começar. A disposição permite fazer um trabalho de observação crucial. No primeiro dia, enquanto observava o ambiente, a técnica foi explicando as “regras” da intervenção no Parque. Sendo o Parque Eduardo VII um local movimentado da cidade de Lisboa, é importante perceber que mulheres abordar. Uma vez que a intervenção é feita ao longo da Alameda Edgar Cardoso, o parque divide-se em duas zonas de lazer, uma na parte de cima junto aos hotéis e, outra junto ao estacionamento. Regra geral as mulheres estão sentadas nos bancos da parte de baixo, ou junto aos carros. Uma das particularidades do Parque é a movimentação de clientes e proxenetas. São muitos os homens que fazem mais que uma vez toda a extensão do Parque para observar as mulheres. E depois tínhamos os homens que ficavam dentro dos carros a controlar as mulheres, e eram esses que identificávamos como proxenetas.

No Parque, as nacionalidades com mais expressão, são a portuguesa e a brasileira, sendo a portuguesa predominante. Muitas destas mulheres prostituem-se durante o dia no Parque e à noite numa artéria próxima, a Rua da Artilharia 1. A idade média destas mulheres varia entre os 40-50 anos. Muitas delas estão desempregadas, em alguns casos o marido também está desempregado e esta foi a maneira que arranjaram para pagar as

contas. Algumas são ex-toxicod dependentes e não conseguem emprego devido a esse estatuto. No que diz respeito aos clientes, muito deles são habituais e têm horas combinadas com as mulheres. A média de idades varia entre os 50 e os 70 anos. Os preços praticados foram uma surpresa e algo que me chocou bastante. Acho que tinha uma ideia romantizada (tipo *pretty woman*) de que a prostituta era uma mulher linda, que se vestia de maneira muito atrevida e que ganhava muito bem, mas o contacto com a realidade mostrou-me exatamente o contrário. De todas as abordagens que fiz, o valor máximo que registei foi 20 euros, variando os preços entre 10 e 20 euros. Muitas mulheres referiram que cada vez mais homens querem ter relações sem preservativo e que pagam mais por isso.

No Parque conheci uma mulher que consegui acompanhar desde o início até ao fim do meu estágio. Este caso é o exemplo de como estabelecer uma relação com estas mulheres demora algum tempo, mas que depois de estarem estabelecidas as bases da confiança, são as primeiras a querer conversar, aliás mostram uma grande necessidade de falar. No dia em que conheci a *Teresa*²¹, 2 de outubro, identifiquei-a como sendo uma mulher loira, com uma idade entre os 40-45 anos e pouco aberta à nossa abordagem. Nesse dia a *Teresa* esperava um cliente e as únicas palavras que trocámos com ela foram “*Bom dia*”. Durante semanas estas eram as únicas palavras que conseguíamos trocar com ela, ou então, optava por não nos responder. No dia 26 de outubro, numa intervenção que fizemos durante a tarde, conseguimos finalmente conversar com a *Teresa*. Disse-nos que tinha 58 anos, dois filhos e uma neta. Neste dia contou-nos que nem sempre se prostituiu, que tinha trabalhado numa escola durante 12 anos e numa casa de venda de ouro. Noutras conversas com ela, contou que se lembrava dos tempos em que se ia preso por ser prostituta e tinham sido muitas as vezes em que isso lhe tinha acontecido.

A partir da primeira conversa, *Teresa* passou de uma mulher hostil a uma pessoa simpática e muito conversadora. Aliás tinha uma grande necessidade de conversar, e foram muitas as vezes que nos disse que devíamos conversar com a mulher X porque ela precisava mesmo muito da nossa ajuda. Também nos falava dos comportamentos dos clientes, e de como os homens eram cada vez mais “porcos” porque pediam cada vez mais o oral e o vaginal sem preservativo. Este era um assunto que incomodava muito a *Teresa* porque lhe fazia muita confusão, em particular os homens casados que querem praticar o

²¹ Nome fictício.

ato sexual sem proteção, ignorando o risco de doenças sexualmente transmissíveis e a possibilidade de as transmitir às suas mulheres. Na minha última ida ao Parque, 26 de abril, enquanto conversávamos com *Teresa*, refleti na diferença e no caminho que fizemos com ela. De como passámos de um curto “*Bom dia*” para longas conversas. O mais importante foi respeitar o *timing* da *Teresa*, ou seja, ouvir tudo o que ela nos tinha para dizer, por mínimo que fosse, porque estávamos a criar a relação que permitiu que chegássemos a este momento.

Totalmente diferente do Parque é a intervenção que iniciámos no Intendente e que se estende até ao Cais do Sodré, locais habituais de prostituição na cidade de Lisboa. No Intendente²², o espaço não nos permite fazer trabalho de observação. Devido à extensão da rua e à sua ocupação, é muito difícil fazer o mesmo tipo de intervenção que se utiliza no Parque. Assim, o trabalho de rua torna-se mais direto, abordando as mulheres que temos certeza de que se estão a prostituir, deixando as que nos provocam dúvida para a próxima ida ao local.

O Intendente é uma zona onde a toxicod dependência se une, em muitos casos, à prostituição e, uma vez que a instituição não tem resposta para mulheres toxicod dependentes, mesmo sabendo que existem mulheres nesta condição que se prostituem não as abordamos já que a prioridade do dinheiro feito através da prostituição não é a sobrevivência, mas sim a próxima dose.

Neste local as mulheres apresentam idades compreendidas entre os 40 e 60 anos e a principal nacionalidade é a portuguesa. Aqui estão presentes algumas mulheres de leste, principalmente ucranianas e romenas e algumas mulheres angolanas, mas em menor expressão em comparação com as mulheres portuguesas.

Foi neste lugar que conheci a *Margarida*²³, vinda do Gana e que está em Portugal há 20 anos. Já teve um pequeno negócio de vestuário, mas a prostituição sempre fez parte da sua vida. A grande preocupação desta mulher é o filho, que nasceu em Portugal, mas não tem documentos. Apesar dos esforços para tratar deste assunto, o processo mostrou-se muito dispendioso e muito demorado. *Margarida* é uma mulher de 60 anos, tem os

²² A requalificação do Intendente trouxe uma nova dinâmica comercial, a reabilitação de edifícios e novos residentes àquela que durante anos foi considerada uma “zona proibida” da cidade devido ao tráfico de droga, criminalidade e prostituição. Apesar das alterações observadas, também na vivência do espaço público, algumas destas atividades persistem nas proximidades do Largo do Intendente, nomeadamente nas ruas do Benfornoso e dos Anjos.

²³ Nome fictício.

seus clientes fixos e o seu grande sonho é regressar ao Gana onde diz ter uma grande casa e toda a sua família. Na brincadeira a equipa apelidou-a de *Queen of Ghana*, o que a deixava sempre bem-disposta e com um grande sorriso. A *Margarida* aceitou, finalmente, a ajuda da instituição e faz hoje parte da equipa das oficinas.

No Martim Moniz e Praça da Figueira²⁴ (fig.4) também não existe muita possibilidade de fazer trabalho de observação, embora a identificação das mulheres seja mais evidente. Nestes locais, as nacionalidades predominantes são a romena, nigeriana e portuguesa. A média de idades varia entre os 20 e 45 anos. Nestes espaços conheci algumas mulheres que espelham a realidade daquilo que é a rotatividade nesta atividade, bem como a

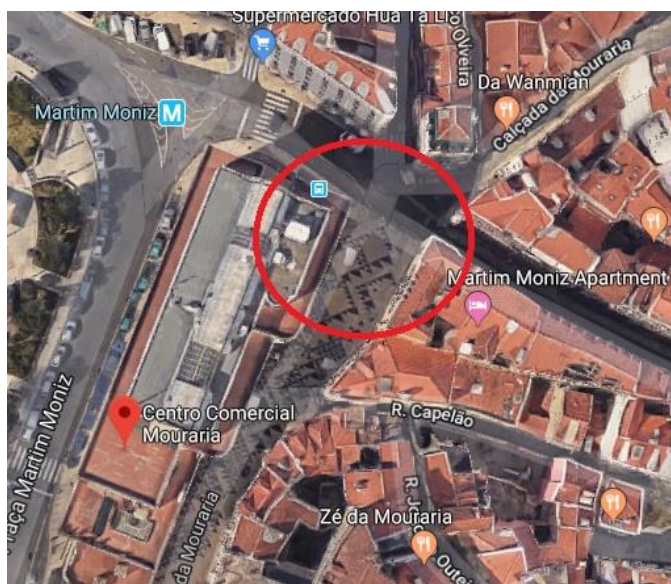


Fig.4 – Martim Moniz

Fonte: Google Maps

dificuldade na definição de países de destino. Muitas destas mulheres não tinham Portugal como destino final, tendo passado por França, Espanha ou Itália antes de terem entrado no país. Muitas movimentam-se com muita frequência entre Portugal e Espanha. Quando percebem que o negócio não está a “render” vão para Espanha onde permanecem alguns meses, voltando depois para Portugal onde mais uma vez vão ser uma “novidade”. Os preços variam, como já referido, entre os 10 e os 20 euros. Algumas mulheres narraram

²⁴ Estas zonas, juntamente com o Rossio, fazem parte da baixa da cidade de Lisboa e estão identificadas como zonas onde existe prostituição.

como gerem este dinheiro. Dos 20 euros, 5 ficam para o quarto da pensão onde levam o cliente, 10 são entregues ao proxeneta (quando existe) e a mulher fica com o restante.

Nestes locais detetamos alguma movimentação de proxenetas. Algumas mulheres dizem que são os maridos, mas o controlo que exercem sobre as mulheres (por vezes com um simples assobio) demonstra que existe outro tipo de relação.

No Cais do Sodré²⁵ (fig.5), durante o dia, a prostituição não é muito ativa. As mulheres optam por se prostituir no período noturno quando a procura é maior devido à movimentação provocada pelos bares.

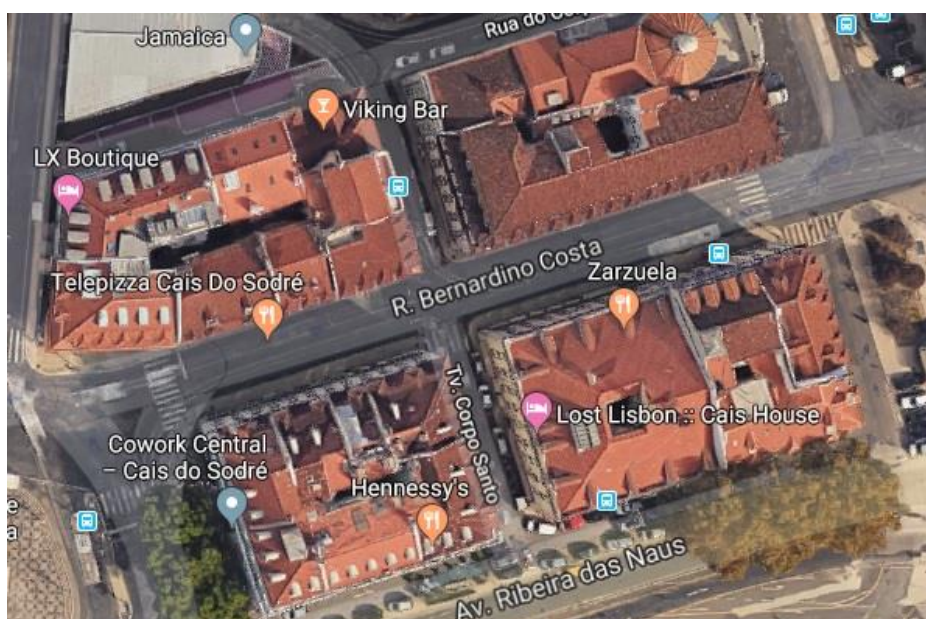


Fig.5 – Cais do Sodré

Fonte: Google Maps

Tanto o Intendente como o Cais do Sodré sofreram grandes reestruturações para tornar ambas as zonas pontos de atração turística. Estas reestruturações fizeram com que as mulheres que se prostituíam nestes locais fossem “empurradas” para outros locais ou que escolhessem prostituir-se em apartamentos. Sempre que fazíamos intervenção nestes locais, as técnicas que me acompanhavam, referiam muitas vezes que antes destes locais

²⁵ Durante boa parte do século XX, o Cais do Sodré foi uma zona onde afluíam marinheiros de diversas nacionalidades de passagem por Lisboa, o que favoreceu um florescente negócio de prostituição. Nos últimos anos, o Cais do Sodré tornou-se um destino de diversão noturna de turistas e residentes, rivalizando com o Bairro Alto.

terem a afluência turística atual, o número de mulheres prostituídas era o triplo daquilo que é hoje.

A intervenção na Península de Setúbal, concretamente na Reta de Coina (fig.6) (EN-10), estrada que liga Quinta do Conde a Sesimbra, era a que me criava mais expectativa e acabou por causar maior choque. Neste local, a exposição das mulheres é muito maior em comparação com as mulheres que se prostituem na rua. Aqui não há

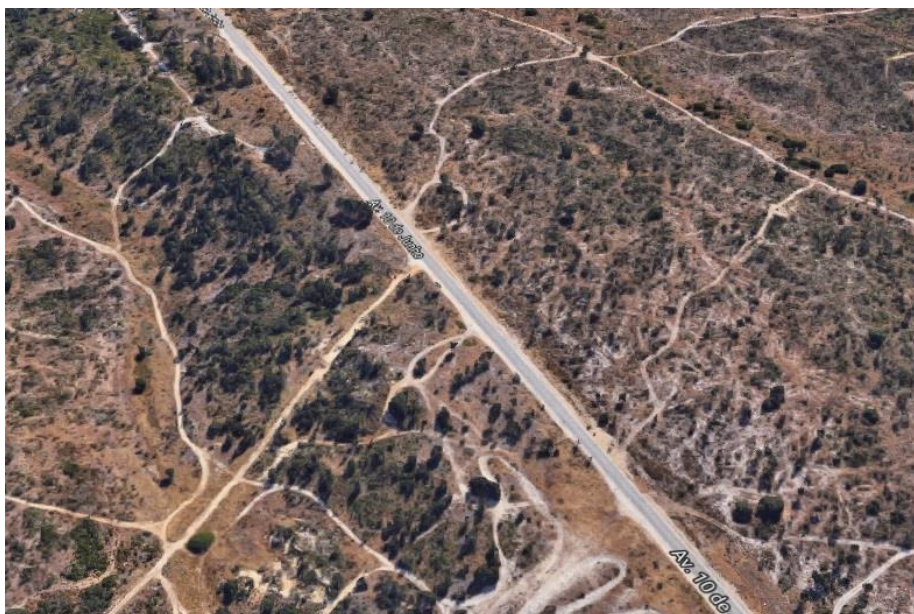


Fig.6 – Av. 10 de junho

Fonte: Google Maps

como se esconder, em toda a extensão da reta vemos as mulheres sentadas em cadeiras ou de pé. É uma área de mata de vários quilómetros que se assemelha a uma montra humana. A imagem com que fiquei dos clientes é a mesma imagem das crianças nas lojas de brinquedos. Ao passarem pela reta abrandam a velocidade para conseguirem avaliar as mulheres e para fazerem a sua escolha, ou então só para as insultarem. Alguns chegam a utilizar fóruns de partilha de experiências entre clientes onde deixam comentários como o que se segue:

“Confrades...

Hoje passei pela recta mais famosa do mundo e arredores pelas 17h00 e só andavam umas 5 cavalonas, onde para o resto???

Estavam 2 cavalonas um pouco mais a frente da ponte da auto-estrada, 1 magrinha e uma gordalhona morena...em seguida passados 200-300 metros mais a frente estava 1

menina magrinha loira e uma cavalona morena, deve ser boa foda...e um pouco mais a frente estava la 1 menina que tem um opel astra branco, que para mim e a que me dá mais tesão!

Eu pergunto, onde para o resto das GP que pararam na famosa recta de con?Será que mudaram de spot???*

ABRAÇOS!!!!!!”

A ida a este local requeria sempre da nossa parte um nível de alerta mais elevado do que em qualquer outro. Nesta zona o controlo de proxenetas é muito grande. No caso das mulheres de países do Leste europeu, há uma carrinha que de manhã as leva para os locais onde estão habitualmente, e quando o dia termina as vem recolher. Na última intervenção neste local testemunhei uma destas recolhas, neste caso de mulheres originárias da Moldávia. As mulheres foram deixadas na reta por volta das 10 horas da manhã e foram recolhidas por volta das 14 horas.

Para além das recolhas, os proxenetas recolhem o dinheiro realizado pelas mulheres que controlam, e também lhes exigem o pagamento de 30 euros por dia pelo “aluguer” do espaço. Tornam-se violentos quando as mulheres não têm o dinheiro para lhes dar, ou quando se recusam a pagar essa quantia alegando que eles não são os donos do terreno. Chegam a esbofetear e empurrar as mulheres, como nos confidenciou uma delas:

“Tive de sair do meu lugar antigo porque havia um homem que me exigia 40 euros por dia para eu poder permanecer ali. Uma vez estava com um cliente, dentro do carro, e apareceu o tal homem que começou a socar o carro e a exigir o dinheiro. Quando lhe disse que ainda não o tinha empurrou-me e esbofeteou-me.” (Carla²⁶, 13/04/2018)

Neste local há uma grande variedade de nacionalidades. Identificámos brasileiras, romenas, russas, moldavas e portuguesas. O grupo predominante era o das mulheres da Europa de Leste. A idade das mulheres situa-se entre os 20 e os 50 anos, estando as mulheres mais novas na estrada nacional e as mais velhas no Parque Industrial do Seixal. Há sempre uma desconfiança sobre a condição das mulheres de Leste. A dúvida gira sempre em torno da voluntariedade destas mulheres em prostituírem-se. Uma vez que o controlo é tão apertado, pelo que assistimos, não há garantias de que estas mulheres não estejam sob exploração sexual. Muitas delas não falam português, e as que percebem minimamente a língua expressam-se mal. Algumas demonstram receio em conversar com

²⁶ Nome fictício.

a equipa, mas aceitam sempre o nosso cartão. Não conseguimos perceber o contexto em que estas mulheres se encontram já que elas não conversam muito, quer pelas dificuldades linguísticas, quer por medo.

Nas mulheres brasileiras, embora exista controlo, não parece ser tão apertado. As mulheres com quem conversámos referiram algumas vezes que tinham um proxeneta que as trazia e que as ia buscar, e que recolhia o dinheiro. Mencionaram que “a reta estava fraca”, e que o dinheiro que faziam não era suficiente para dar ao proxeneta e sobrar algum para elas. Falaram em sair da reta e alugar um apartamento, ou ir para outros locais que não fossem controlados por proxenetas. Mesmo tendo em conta a situação destas mulheres, recebiam-nos sempre com sorrisos e boa disposição.

No Parque Industrial (fig.7) a afluência de mulheres é menor. Das intervenções em que participei estavam apenas três mulheres. A movimentação de automóveis é

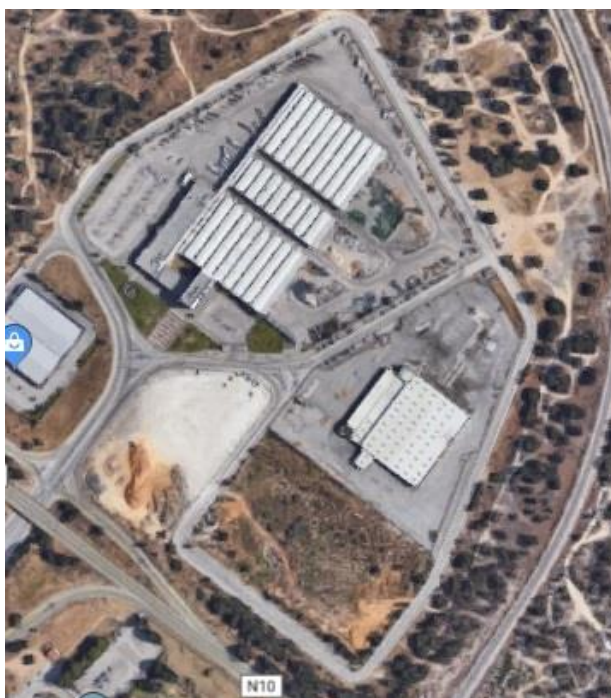


Fig.7 – Parque industrial do Seixal

Fonte: Google Maps

menor, mas mais explícita. Uma das mulheres explicou-nos que nesta zona existe muita prostituição masculina. Os homens permanecem dentro dos carros e os potenciais clientes vão circulando para ver a oferta.

Os preços variam entre os 10 e os 20 euros. Nunca cheguei a apurar com as mulheres se os homens pedem para que as relações sejam desprotegidas, mas pelos relatos de clientes descritos no fórum, a grande maioria utiliza o preservativo.

Esta intervenção mostrou-me uma realidade completamente diferente daquela que tinha experienciado nos outros pontos de rua. O sofrimento que testemunhei nestas mulheres é atroz. Algumas não conseguiam conter o choro quando perguntávamos “*não é fácil esta vida?*”, especialmente aquelas que tinham outra profissão e que nunca tinham recorrido à prostituição. Também a perversidade dos clientes é, nestes locais, diferente das outras experiências. São mal-educados, rudes e roçam o nojento quando se dirigem às mulheres. A grande exposição destas mulheres faz com que o rótulo de prostituta seja maior e mais visível, o que desperta este tipo de comportamentos por parte dos homens.

“Elah...hoje de relanço a meio da recta, uma novinha (Não parei, mas pareceu-me 23/24 anitos), com micro saia...boa tranca e carinha de pita.... Alguém já experimentou?”²⁷” (postado a 23 de maio 2013);

“A Gp²⁸ que está a meio da reta do lado direito de quem vem da quinta do conde para palhais alguém já experimentou? Ela usa uns Óculos que dá aspeto de colegial atrevida²⁹” (postado a 11 de dezembro de 2017).

O contacto que com elas estabelecemos permite-nos afirmar que são mulheres muito resilientes e lutadoras. Cada uma tem os seus objetivos de vida, mas a luta diária e as vicissitudes para os alcançar é algo inimaginável.

²⁷ <http://gp-pt.net/forum/viewtopic.php?f=168&t=32855&start=15> (consulta pela última vez a 5/06/2018)

²⁸ Na gíria: garota de programa

²⁹ <http://gp-pt.net/forum/viewtopic.php?f=168&t=32855&start=120> (consultado pela última vez a 5/06/2018)



Fig-8 – Monsanto

Fonte: Google Maps

Em Monsanto³⁰ (fig.8), a nossa intervenção era relativamente imprevisível. Embora houvesse alguma rotatividade, e umas vezes a intervenção ocorria de manhã e outras de tarde para perceber qual era o horário onde havia maior concentração de mulheres, revelou-se muito complicado e muitas vezes não encontrávamos ninguém³¹. Neste local predominam as mulheres portuguesas com idades superiores a 40 anos. Quanto a clientes e proxenetas, apesar das observações realizadas nunca foi possível identificar o tipo de atuação.

Ao longo do estágio na associação O Ninho, e de todo o trabalho de rua realizado, foram vários os métodos de abordagem às mulheres em contexto prostitucional. O que me permite concluir que não há uma abordagem perfeita e correta. As abordagens espelham a personalidade da técnica que as realiza, e neste caso cada uma das técnicas

³⁰ O Parque Florestal de Monsanto ocupa uma área de cerca de 900 hectares na parte ocidental da cidade de Lisboa (quase o triplo da área do Central Park em Nova Iorque). Nos primeiros anos do século XXI foram implementadas algumas medidas de combate à prostituição, sendo a mais emblemática a de pintar uma faixa amarela que proíbe carros parados ou estacionados na berma, uma prática essencial para esse tipo de negócio.

³¹ No levantamento realizado pelo SEF entre 2006 e 2011, no primeiro trimestre de cada ano, verificou-se que Monsanto, a Av. da Liberdade e a Cidade Universitária “deixaram de constar do roteiro sexual”, tendo havido um “decréscimo no número de prostitutas(os) em zonas ancestrais como o Intendente, Conde Redondo e Técnico, ao mesmo tempo que se registou uma maior concentração na zona da Artilharia Um” (Malhado, 2017).

tem uma personalidade diferente o que faz com que cada uma tenha um método de abordagem diferente e único.

Recentemente, passaram também a ser realizadas intervenções via SMS. Este é um trabalho que engloba o centro de atendimento e a equipa em intervenção em meio prostitucional. No centro faz-se todo o processo de seleção e filtragem dos números de telefone e quando há interesse, a equipa de intervenção marca o encontro com a mulher.

Inicialmente a seleção dos números fazia-se através da secção de convívio do jornal *Correio da Manhã*. Seleciona-se a área da Grande Lisboa e sublinham-se todos os números; para além dos números sublinham-se também os anúncios que referem *oral natural* (oral sem preservativo) para se conseguir medir o aumento e a frequência desta prática. Depois da seleção dos números de telefone, faz-se a filtragem na base de dados para fazer a separação entre os números repetidos e os números novos. É importante fazer esta separação para se conseguir avaliar quantos anúncios novos surgem no intervalo de cada seleção. As mensagens são enviadas apenas para os números novos.

Quando analisamos detalhadamente estes anúncios percebemos a forma pouco lisonjeira e feminina como as mulheres se descrevem, ou como são descritas. Veja-se alguns exemplos: “*NOV.MORENA BRONZEADA FOGOSA BOM RABO 69 BEIJOS ARDENTES*” ou “*GOSTA PELUDA, AMOR VEM!!! ADORO 69 MUITO GULOSO ESPERO POR TI. ASSIM TODA ABERTINHA*”. Muitos anúncios procuram responder a várias fantasias, quer com profissões, ou mulheres mais novas ou mais velhas, quer com o exotismo de algumas nacionalidades. Eis alguns exemplos: “*menina universitária*”, “*tia e sobrinha*”, “*enfermeira sexy*”, “*5 amigas show lésbico*”, “*indiana meiga*”, “*meninas japonesas*”, entre outros. Há ainda anúncios que apelam às dificuldades em que as mulheres se encontram: “*mãe solteira*”, “*mãe solteira e desempregada*”.

Em janeiro de 2018 a equipa apostou na entrega de preservativos. O objetivo desta entrega é chegar às mulheres, perceber qual é o funcionamento dos apartamentos, como são tratadas as mulheres, como se encontram psicologicamente, tentar perceber qual o controlo a que estão sujeitas e quais os preços praticados.

Para uma primeira experiência delineou-se a área do Areeiro, Almirante Reis e Anjos como as principais áreas de entrega. A seleção dos contactos telefónicos foi feita através de anúncios nos jornais, mas acrescentámos os anúncios de *sites* da internet. Nestes *sites* a descrição das mulheres é ainda mais detalhada e pode escolher-se as

mulheres por zonas de Lisboa, ou até mesmo fazer as filtrações pelos elementos físicos da mulher. À medida que íamos tendo mais pedidos, alargámos a área de intervenção ao Marquês de Pombal, Saldanha e Campo Pequeno. Também foi necessário fazer cada vez mais pesquisa e foi assim que fomos descobrindo novas formas de publicitar as mulheres. Descobrimos *sites* de acompanhantes profissionais, *sites* que permitiam o encontro através da *webcam*, *sites* de *sugar daddys e sugar babys*³², *sites* que promovem o turismo sexual e fóruns de discussão entre clientes. De todos os *sites* pesquisados aqueles que mais me chocaram, sobretudo pelos conteúdos, foram o fórum dos clientes e os *sites* de turismo sexual e de promoção às *sugarbabys*, uma vez que, ambos os *sites* retratam as mulheres como mercadorias. No caso do *site* de turismo sexual, havia a possibilidade de “alugar” a mulher com a mesma antecedência que a marcação de passagens de avião, e a publicitação da mulher como companheira para os jantares de negócios. No caso das *sugar babys* o choque vem não só do tratamento da mulher/adolescente que se publicita de modo a obter peças de vestuário de luxo ou malas, ou até mesmo para ter as propinas pagas, mas também do cliente que aceita este tipo de negócios, quando muitas das vezes as publicitações são de adolescentes de 16 anos. O fórum, *GP-PT*, tem como objetivo auxiliar os homens a encontrar os melhores pontos de rua, os melhores clubes noturnos e a troca de experiências que tiveram com as mulheres. Todas as experiências realizadas são intituladas de TD (*test drives*), e são dadas pontuações de 1 a 10 para que todos os homens possam ler e refletir sobre a mulher em análise, para decidirem se marcam um encontro ou não. Uma vez que as descrições incluíam os números de telemóvel, começámos a fazer a recolha de elementos também com o recurso às informações deste fórum.

Quando fazíamos a filtração dos números na base de dados observávamos que a mesma mulher estava publicitada em vários *sites*, sendo que a única coisa que mudava era o número de telemóvel e a foto. No que diz respeito a preços, estes variam consoante a certificação dada ao *site* em que se encontram publicitadas. Se estiverem em *sites* certificados, sejam classificadas como acompanhantes, os preços são mais elevados

³² “Many individuals in the Sugar Culture refer to a mutually beneficial relationship as an arrangement. An arrangement consists of three elements: (1) sugar daddy, (2) sugar baby, and (3) an allowance. A sugar daddy is typical an older, wealthy individual who is willing to pay expensive dinners, vacations, and designer items in Exchange for the company of a younger, attractive cohort. This cohort is a sugar baby who is often young, beautiful and cultured. (...) An allowance is money that the sugar daddy gives to the sugar baby. Often an allowance is provided in form of a prepaid credit card, a credit card or a paypal transaction” (Motyl, 2013).

variando entre 80 e 120 euros. Se estiverem em *sites* não certificados, *sites* como *classificados x*, os preços variam entre 20 e 80 euros. Regra geral, os apartamentos são divididos por várias mulheres independentes, ou em alguns casos, existe uma *madame* a gerir o apartamento. Na chegada do cliente ao apartamento a *madame* apresenta as mulheres dando ao cliente o poder de escolha. Isso pode ser confirmado num comentário partilhado por um cliente: “*Mais um dia para descobertas. Ligadela e dirijo-me ao local. Entro e abre-me a porta uma loira já com alguns quilómetros... e leva-me para um quarto e diz-me que as meninas já vêm para eu escolher*”³³.

A partir das intervenções realizadas enquanto estive na instituição, a nacionalidade com mais referências é a brasileira. Nos *sites*, quer certificados, quer não certificados, a grande maioria dos anúncios publicitam mulheres brasileiras. Também verificámos uma grande publicitação de mulheres angolanas e cabo-verdianas, e no caso das mulheres de leste, maioritariamente ucranianas e russas, e por fim, as menos publicitadas são as portuguesas.

Neste método de prostituição, a identificação de vítimas de exploração é extremamente complicado. Para as redes, a rentabilidade de gerir várias casas, onde por norma podem estar quatro mulheres a prostituírem-se, é muito mais elevada do que manter as mulheres na rua. Em alguns *sites* existe uma taxa para que a publicitação seja possível, mas em muitos a publicitação é gratuita. Como já referido, a mesma mulher pode estar publicitada em mais do que um *site*, o que aumenta a sua exposição. Também o facto de as redes gerirem várias casas permite que a rotatividade das mulheres seja maior e a sua identificação mais difícil. Em fevereiro de 2018, o SEF desmantelou uma rede de tráfico que operava por este sistema. Esta rede tinha 20 casas de norte a sul do país (Caldas da Rainha, Cadaval, Santarém, Leiria, Ourém, Nazaré, Évora, Quarteira e Faro) e explorava sexualmente 36 mulheres, das quais 30 estrangeiras e as restantes 6 portuguesas. Esta rede está ainda a ser investigada pelos crimes de auxílio à imigração ilegal, lenocínio (Nota à Comunicação Social, SEF, 22 de fevereiro de 2018³⁴). Este tipo de prostituição é muito mais ativo no Reino Unido e Irlanda, países onde se interseam a maior parte das vítimas, bem como em esquemas de acompanhantes de luxo e bordéis. Em Portugal, e daquilo que pude observar, a prostituição está, cada vez mais, a deixar os

³³ <http://gp-pt.net/forum/viewtopic.php?f=194&t=59288> (publicação do dia 22 de abril de 2014), consultado pela última vez a 5/06/2018.

³⁴ http://www.sef.pt/portal/v10/PT/asp/Noticias/Noticias_Detalhe.aspx?id_linha=7262

pontos de rua e a mover-se para apartamentos, e é cada vez mais necessário estar atento a esta realidade.

5.2. Centro de Atendimento: O início de uma jornada

O Centro de Atendimento de O Ninho representa o primeiro contacto, institucionalizado, com as mulheres prostituídas. É neste espaço que são acolhidas as mulheres abordadas pela equipa de IMP, mulheres que vêm por iniciativa própria ou que são encaminhadas por outras entidades. É aqui que se verbalizam os primeiros pedidos de ajuda, ou seja, é aqui que se dá a consciencialização da situação em que se encontram. As utentes do Centro são mulheres que aceitam deixar a prostituição, ainda que algumas prefiram aí permanecer. As mulheres que concordam deixar a prostituição iniciam o seu percurso na instituição pelo CA. As técnicas avaliam as dificuldades da utente, quais os apoios a que se pode recorrer e qual a verdadeira situação da mulher fora da prostituição. Uma vez que se procuram vários apoios externos à instituição, o Centro cria uma rede de contactos para que todos os apoios concorram para os mesmos objetivos. Por exemplo, as técnicas da instituição fazem questão de conhecer e reunir com as assistentes sociais de cada mulher, para que a nível de apoios sociais se trabalhe no mesmo rumo e para que não haja sobreposição de ajudas.

Nas diligências, as técnicas do CA acompanham as utentes a consultas médicas, a marcações na segurança social, a embaixadas e consulados para tratar de documentos, a marcações com assistentes sociais e a todo o tipo de acompanhamentos que as mulheres precisem. Uma vez que a premissa é *“fazer com elas e não por elas”*, é incentivado que as mulheres ganhem a sua autonomia e para isso encoraja-se a que tentem ir às suas marcações sozinhas. Quando as marcações exigem o acompanhamento, ou as mulheres não conseguem cumprir sozinhas essas obrigações, ou querem mesmo ter o acompanhamento das técnicas, o mesmo é feito. Tal como no trabalho de rua, sempre que é feito um acompanhamento, faz-se o relatório no processo da utente que se está a acompanhar, para que se for necessário a continuação da diligência, e a técnica que acompanha a utente com regularidade não a conseguir acompanhar, a informação esteja disponível a toda a equipa. Na prática, e como pude testemunhar várias vezes, quando uma técnica fazia um acompanhamento, ao regressar à sede, antes de fazer o relatório, partilhava todos os acontecimentos com as colegas. Mesmo quando existiam situações em que a técnica *“responsável”* pela utente não a conseguia acompanhar, a técnica que estava disponível sentava-se com a colega e trocavam todas as informações e documentos

necessários. Durante o estágio tive a oportunidade de fazer alguns acompanhamentos, experienciando idas à segurança social, a consultas médicas e ao consulado.

Adjacente ao trabalho do CA, mas que acaba por ser complementar aos restantes serviços, é o acompanhamento psicológico a todas as mulheres que necessitam e que são recomendadas. Em muitos contactos de rua foram várias as mulheres que diziam precisar muito deste acompanhamento, não só pela necessidade de conversar, mas também por todas as experiências traumáticas a que tinham sido expostas. Neste acompanhamento é trabalhado o percurso de vida das mulheres, baseando-se nos sonhos e expectativas que cada uma tem, e quais os esforços que são precisos para os alcançar.

5.3. Integração no mercado de trabalho e na sociedade: começar uma nova vida

O processo de integração quer no mercado de trabalho, quer na sociedade, é a reta final de um percurso, que pode ou não ser demorado, dependendo sempre do *timing* de cada mulher. O objetivo principal de todo o trabalho feito na instituição é evitar que a mulher sinta a necessidade de voltar a prostituir-se. De acordo com Dália Rodrigues, diretora técnica da Associação O Ninho, *o trabalho é algo que nos dignifica de alguma forma, que nos inclui na sociedade. Por muito simples que seja esse trabalho, por muito mal remunerado que seja, é algo que nos dá acesso a direitos plenos como cidadãos*³⁵.

Também a questão da documentação é importante para a dignificação, bem como, para a integração da mulher na sociedade. Sem documentação, a mulher não pode celebrar um contrato de arrendamento, água ou luz, nem podem fazer um passe para os transportes. Quando a mulher chega à instituição este é um assunto prioritário no trabalho das técnicas. Estas questões acontecem, maioritariamente, com as mulheres africanas. Muitas estão em Portugal há mais de 20 anos, indocumentadas, vivem em casas sem contratos de arrendamentos e os contratos da água e luz estão em nome do senhorio. Muitas destas mulheres dizem sentir-se invisíveis na sociedade pelo estigma de serem prostitutas e, porque sentem que não têm nada que lhes pertença.

Na instituição são trabalhados aspetos/hábitos que a mulher não tinha devido ao estilo de vida que a prostituição obriga. As mulheres estão habituadas a gerir os seus ganhos ao dia e a pagar as despesas ao dia (quarto, creche, entre outros), não estão

³⁵ Declarações para a reportagem *Prostituição é trabalho?* publicada a 19 de Agosto de 2018, no jornal *Público*.

habitadas a horários de trabalho fixos, sendo que por vezes trabalham toda a noite e dormem durante o dia, ou optam por se prostituírem em certos horários dependendo do movimento que o local apresenta. Nas oficinas de treino ao trabalho, são desenvolvidos todos os ritmos de um emprego “normal”. Têm um horário de trabalho fixo, das 9h às 17h30; sempre que têm uma consulta médica ou outro tipo de marcação têm de avisar com antecedência que vão faltar e trazer a devida justificação. Recebem um ordenado que vão aprendendo a gerir mensalmente. Para muitas adquirir estes hábitos de trabalho é bastante difícil, visto que nunca tiveram este tipo de rotina.

Como referido anteriormente, nas consultas de acompanhamento psicológico é traçado um plano de vida para cada mulher, sendo que um dos pontos é a conquista de um emprego ou a continuação dos estudos. Quando a mulher se sente preparada as técnicas ajudam na procura de emprego, quer no jornal, quer em anúncios da internet, e se necessário ajudam na elaboração do currículo. Esta ajuda por parte da instituição dá às mulheres um apoio/motivação extra, já que muitas vezes, são discriminadas pela atividade que exerciam anteriormente. Também são muitas as mulheres que desejam continuar ou terminar os seus estudos. Durante o meu período de estágio, as utentes que se encontravam nas oficinas iniciaram quase todas os seus estudos. Na realidade foi um processo que começou com uma mulher, e as restantes vendo a alegria e o sentimento de conquista que a colega sentia, decidiram inscreverem-se quase todas em aulas. Este foi um processo que “pegou moda” entre elas, mas que as deixava motivadas sempre que passavam num teste ou avançavam um módulo.

Também inserido no treino ao trabalho está o protocolo de jardinagem. Neste protocolo estão inseridas 12 mulheres que já passaram pelas oficinas e que foram consideradas aptas para ingressar neste projeto. Neste protocolo as mulheres têm outra autonomia de trabalho, já que estão fora da instituição. Com a integração neste projeto as mulheres têm o direito de fazerem os seus descontos para a segurança social, sendo que, em alguns casos são os primeiros descontos alguma vez feitos. Mesmo estando fora, há uma técnica que faz visitas mensais a todas as quintas onde as mulheres se encontram, para se certificar que chegam a horas, se há faltas injustificadas, quais os períodos de férias que pretendem, ou seja, para garantir se está tudo dentro da normalidade. Acompanhei algumas rondas pelas várias quintas onde estavam a trabalhar e os comentários dos vários patrões sobre as utentes d’O Ninho eram sempre elogiosos; diziam que as mulheres são muito cumpridoras, que eram as primeiras a chegar e as últimas a

sair, muito trabalhadoras, com grande vontade de aprender e acima de tudo gostam daquilo que fazem. O que se verifica é que estas mulheres respeitam muito as regras ditadas e valorizam não só a oportunidade de estarem inseridas neste projeto, mas também o emprego em si. São mulheres extremamente lutadoras, especialmente por tudo aquilo que já passaram, o que as torna mais resilientes e com uma enorme vontade de vingar, aproveitando as oportunidades decorrentes deste protocolo. De salientar que este protocolo foi criado em 2001 e tem sido renovado ao longo dos anos, o que demonstra o empenho não só da instituição, mas também o das mulheres.

Quem habita no Lar treina outras competências necessárias à sua autonomia. Segundo Dália Rodrigues, o Lar, numa perspetiva pedagógica é fundamental para que seja similar à realidade, permitindo a gradual consciencialização dos seus direitos e deveres (Rodrigues, 2015, p. 50). No Lar cria-se os horários de funcionamento próprios de um ambiente familiar, como por exemplo, os horários das refeições. Neste espaço as refeições são preparadas num ambiente familiar, de trabalho conjunto entre técnicas utentes. Ao almoço estão as utentes das oficinas e centro ocupacional e ao jantar, por norma, estão as utentes que habitam no Lar. As refeições ficam a cargo de uma utente das oficinas, rodando esta tarefa por todas. Cabe também às utentes a manutenção do Lar, ou seja, a limpeza dos espaços comuns e a limpeza dos espaços privados (quarto e casa de banho). As mulheres que habitam no Lar pagam mensalmente uma quantia, para que se habituem a que as rendas são pagas ao mês e que há prazos a cumprir para esse pagamento.

Para as utentes mais velhas, e que não podem ser inseridas no mercado de trabalho, foi criado o Centro Ocupacional. Neste centro desenvolvem-se atividades como pequenos trabalhos de artesanato, pequenas fichas escolares e até aulas que promovam o movimento. O objetivo deste serviço é evitar o isolamento social e a solidão destas mulheres. Muitas delas não têm laços com os filhos ou com outros familiares e para não estarem sozinhas em casa, fazem as refeições no lar e ficam para as atividades.

Muitas mulheres já passaram por todas estas fases, e têm agora um emprego e uma casa, levando uma vida autónoma, “normal” e feliz. Muitas continuam o acompanhamento psicológico. Os laços com a instituição não são quebrados, sempre que existem festas são convidadas todas as utentes e familiares, bem como nas celebrações do Natal, Páscoa e Ano Novo. Estas festas são preparadas no Lar com todas as utentes, sendo que as técnicas também estão com as mulheres nestas datas. Muitas utentes ligam

ou fazem visitas para contar todas as novidades, porque arranjam um emprego novo ou vão ser mães. Continuam a sentir-se apoiadas e a ter um apoio e pessoas a quem recorrer caso algo menos bom aconteça.

6. Conclusões

O Tráfico de Seres Humanos é um crime fortemente globalizado, não conhecendo fronteiras e é altamente violento para com as suas vítimas. Só a partir dos anos 90 foi reconhecido como um fenómeno global, chamando a atenção das organizações internacionais, em especial as Nações Unidas, que depressa passaram à ação estabelecendo estratégias que levassem ao combate e prevenção deste crime.

Este é um fenómeno que afeta os mais vulneráveis, ou seja, aqueles que sofrem de situações de pobreza, violência de género, discriminação, baixa escolaridade, corrupção, violência física no seio familiar ou a existência de conflitos armados. Todos estes fatores são vistos como uma oportunidade para o traficante, uma vez que constituem uma vulnerabilidade que desencadeiam falsas oportunidades e expectativas, que levam a situações de exploração. O tráfico é um fenómeno muito complexo, o que dificulta o conhecimento da sua forma e dimensão. Também é um fenómeno que facilmente se confunde com outros crimes, em especial e como já abordado, o contrabando de migrantes, o que dificulta a ação judicial para ambos os crimes.

Um dos tipos de exploração associado ao tráfico é a exploração sexual. Este é um fenómeno que afeta maioritariamente mulheres e, dependendo da legislação de cada estado, é muito difícil de identificar. No caso português, sendo que, não existe legislação que proíba ou que reconheça a prostituição como legal, a fiscalização e identificação de situações é menos eficaz. É importante salientar que embora a prostituição não seja criminalizada em Portugal, atividades organizadas como bordéis ou proxenetismo são ilegais e o lenocínio é crime.

A exploração sexual dilui-se com a prostituição e, só conhecendo a situação de cada mulher é possível identificá-la como vítima. As estatísticas mostram que a exploração mais praticada no país é a laboral. No entanto, enquanto que nos casos de exploração laboral sabe-se que está geralmente relacionada com a sazonalidade dos

trabalhos agrícolas, na exploração sexual não há sazonalidade, as mulheres são exploradas durante todo o ano. Mesmo a identificação das vítimas é mais precisa na exploração laboral, já que, a grande maioria dos indivíduos explorados chega em grandes grupos a aldeias/localidades pequenas, vive em condições precárias e tem costumes muito diferentes dos regionais o que os destaca no seio da população, enquanto no caso da exploração sexual a identificação das vítimas é muito difícil e demorada, devido à rotatividade das mulheres e às ameaças feitas pelos traficantes para incutir o medo da denúncia.

A experiência de estágio foi muito enriquecedora quer a nível pessoal, quer a nível académico. Desde o início houve muita disponibilidade por parte das técnicas da instituição O Ninho para transmitir todos os conhecimentos que achavam ser essenciais e, para responder a todas as minhas questões. Houve uma boa integração e adaptação à forma de trabalhar da equipa técnica do centro de atendimento e de intervenção em meio prostitucional, tendo a liberdade para fazer as intervenções e abordagens às mulheres, a liberdade (e responsabilidade) para redigir os relatórios, de consultar processos, fazer acompanhamentos, de ser um membro da equipa.

As primeiras intervenções foram as mais difíceis. Senti receio de abordar a mulher, de fazer as perguntas erradas, de dizer alguma coisa que pudesse ser mal interpretada. Mas ao longo do estágio, e com a ajuda das técnicas, as abordagens passaram a ser algo que gostava muito de fazer. Passei muito tempo a conversar com as mulheres e a absorver tudo o que diziam. As intervenções deixaram de ser uma dificuldade, para ser algo compensador e instrutivo. Quando estávamos muito tempo sem fazer intervenções, questionava-me como estariam as mulheres, sentia necessidade de estar com elas, de saber se estavam bem. A maior dificuldade que experienciei ao longo do estágio foi o sentimento de incapacidade de ajudar as mulheres que pareciam estar em situações complicadas. Ficava muito revoltada se não conseguia mostrar à mulher que a queríamos ajudar, que podíamos ajudar.

No que diz respeito à integração das mulheres, o tempo de estágio não permitiu acompanhar este processo, uma vez que é um processo mais demorado e que tem de respeitar, não só as dinâmicas institucionais, mas também e mais importante, as dinâmicas das mulheres. No entanto, e por aquilo que observei, a integração destas mulheres passa, em larga medida, pela sua recuperação psicológica. Muitas estão bastante debilitadas e precisam recuperar a sua autoestima, muitas acreditam que não conseguem desempenhar

outras funções, outras têm traumas que são muito difíceis de ultrapassar, e muitas das vezes desenvolvem grandes depressões. Todos estes aspetos têm de ser muito bem trabalhados para que seja possível, à mulher, acreditar que consegue obter e manter um trabalho “normal”, ter uma casa e constituir família.

Nos últimos meses o debate sobre a legalização da prostituição ganhou mais vigor. Discute-se que a legalização da prostituição traga mais benefícios para a mulher em termos de apoios sociais, que acabe com o estigma da prostituição como um mal na sociedade, uma vez que, a mulher estaria a exercer a sua “profissão” e que diminuiria o tráfico para fins de exploração sexual. O trabalho da instituição demonstra que é impossível considerar a prostituição um “trabalho” normal. Os níveis de violência física e psicológica a que as mulheres estão expostas é incomparável a qualquer outro trabalho. Se tomarmos como exemplo a Holanda e Alemanha, onde a prostituição é regulamentada, ou seja, o negócio tem enquadramento legal, vemos que as mulheres não se sentem confortáveis em assumir perante a segurança social que a sua profissão é a prostituição. Os níveis de tráfico para exploração sexual não diminuíram, muito pelo contrário, pois a legislação tornou-se muito atrativa para as redes de tráfico. Se considerarmos o “modelo nórdico” em que a prostituição é ilegal, opta-se por penalizar o cliente em detrimento da mulher, os resultados são muito positivos, já que a prostituição é muito escassa na Suécia.

É importante compreender que o tráfico para exploração sexual constitui um crime contra a dignidade humana, em especial para as mulheres, e visto que, a exploração sexual é feita através da prostituição, também esta constitui uma violação à dignidade da mulher. É utópico pensar-se que com a proibição da prostituição seja possível eliminar a atividade, mas também é idealista pensar-se que através da legalização seja possível criar a honestidade por parte das mulheres em assumirem que são prostitutas e que as legalizações diminuam tráfico. É necessário encontrar um modelo que seja um meio termos destes dois, mas onde o foco principal seja a mulher, seja a dignificação da mulher. É fundamental a articulação entre as forças de intervenção com as instituições que trabalham esta problemática, porque são elas que convivem diariamente com as mulheres, que percebem qual é a verdadeira realidade do meio prostitucional.

7. Bibliografia

- Aronowitz, A. (2001). Smuggling and Trafficking in Human Beings: The Phenomenon, the Markets that drive it and the Organisations that promote it. *European Journal on Criminal Policy and Research*, pp. 163-195.
- Carling, J. (2006). *Migration, Human Smuggling and Trafficking from Nigeria to Europe*. Geneva: IOM Migration Research Series.
- Couto, D. (2012). *Tráfico de seres humanos: Percepções sociais, percursos de vitimação e de sobrevivência*. Braga: Universidade do Minho.
- Damon, A., Swails, B., & Laine, B. (21 de Março de 2018). The sex trafficking from Nigeria to Europe. *CNN*.
- Fernandes, V. (2016). *Tráfico de Seres Humanos Uma Perspetiva Geral Sobre a Exploração Sexual de Mulheres*. Coimbra.
- Flor, A. (2018). Prostituição é trabalho? . *Público*.
- Frontex (14 de Setembro de 2018). *Frontex European Border and Coast Guard Agency*. Obtido de Frontex European Border and Coast Guard Agency: <https://frontex.europa.eu/media-centre/news-release/migratory-flows-in-august-overall-arrivals-down-spain-accounts-for-more-than-half-of-the-total-KtkG0M>
- Gameiro, J. D. (2015). *O Crime de Tráfico de Pessoas. Contextualização da legislação nacional e internacional, análise*. Coimbra: FDUC.
- Henriques, J. G. (2017). Tráfico de Seres Humanos. *Jornal O Público*.
- International Labour Organization (2012). *ILO 2012 Global estimate of forced labour*.
- International Organization for Migration (2018). *Migration Flows to Europe. Displacement tracking matrix*. IOM.

- Lusa (22 de Janeiro de 2018). *TSF Rádio Notícias*. Obtido de TSF Rádio Notícias: <https://www.tsf.pt/lusa/interior/relacoes-luso-brasileiras-na-era-lula-marcadas-pelo-reforco-das-relacoes-economicas-9064849.html>
- Malhado, A. (2017). Sef identifica quase cinco mil prostitutas em cinco anos. *Sábado*.
- Mendes Botas, J. (2014). Prostitution, Trafficking and Modern Slavery. *Parliamentary Assembly* (pp. 1-23). Strasbourg: Committee on Equality and Non-Discrimination.
- Motyl, J. (2013). *Trading sex for college tuition: How sugar daddy "dating" sites may be sugar coating prostitution*. Pennsylvania: The Dickinson School of Law of The Pennsylvania State.
- Nações Unidas (1999). Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra a Criminalidade Organizada Transnacional contra o Tráfico Ilícito de Migrantes por via Terrestre, Marítima e Aérea. *Convenção das Nações Unidas contra a Criminalidade Organizada Transnacional*, (p. 13). Nova Iorque.
- Nações Unidas (2000). Protocolo Adicional à Convenção das Nações Unidas contra a Criminalidade Organizada Transnacional relativo à Prevenção, à Repressão e à Punição do Tráfico de Pessoas, em especial mulheres e crianças. *Convenção das Nações Unidas contra a Criminalidade Organizada Transnacional*, (p. 12). Nova Iorque.
- Neves, S. (2010). Tráfico de mulheres brasileiras para fins de exploração sexual em Portugal e Interseccional: Um Estudo de Caso. *Psicologia*, vol XXIV, pp. 177-196.
- O Ninho, A. (2014). *Relatório de Projeto: Falar Claramente sobre Violência de Género*. Lisboa: CIG.
- Oliveira, A. (2013). *De prostituição de apartamentos na cidade de Lisboa: características e significados*. Porto: GAT.
- Oliveira, A. (2017). Prostituição em Portugal. Uma atividade marginalizada num país que tolera mais do que persegue. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, 6, p. 24.
- Pais, J. M. (1983). A prostituição na Lisboa boémia dos inícios do séc.XX. *Análise Social*, pp. 939-960.

- Peixoto, J. (2007). Tráfico, Contrabando e Imigração Iregular. Os novos contornos da imigração brasileira em Portugal. *Sociologia, Problemas e Práticas* n°53, pp. 71-90.
- Peixoto, J., Soares, A. G., Costa, P. M., Murteira, S., Pereira, S., & Sabino, C. (2005). *O Tráfico de Migrantes em Portugal: Perspetivas Sociológicas, Jurídicas e Políticas* (1º ed.). Lisboa: ACIME.
- Project, S. (2015). *Human Trafficking of Nigerian Women to Europe*. Finnish Immigration Service.
- Ribeiro, F., & Clemente, M. (29 de Janeiro de 2018). Tráficos, trânsitos sexuais e agência. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*.
- Rodrigues, D. (2015). *As Boas Práticas de Intervenção na Associação O Ninho*. Lisboa: ISCSP.
- Santos, B. d., Gomes, C., & Duarte, M. (Dezembro de 2009). Tráfico sexual de mulheres: Representações sobre ilegalidade e vitimação. Em B. d. Santos, C. Gomes, M. Duarte, & M. I. Baganha, *Tráfico de mulheres em Portugal para fins de exploração sexual* (pp. 69-94). Lisboa: CIG - coleção dos estudos de género.
- SEF (2018). *Relatório de Imigração, Fronteiras e Asilo*. Lisboa.
- Silva, M. C., & Ribeiro, F. B. (2010). *Mulheres da Vida, Mulheres com Vida. Prostituição, Estado e políticas*. Edições Húmus.
- Sistema de Segurança Interna (2018). *Relatório Anual de Segurança Interna*. Lisboa.
- Sousa, B. S., Gomes, C., Duarte, M., & Baganha, M. I. (2008). *Tráfico de mulheres em Portugal para fins de exploração sexual*. Lisboa: CIG.
- UNODC (2010). *Factsheet on Human Trafficking*. Nova Iorque.
- UNODC (2016). *Global Report on Trafficking in Persons*. New York: United Nations.
- UNODC (2018). *Global Study on Smuggling of Migrants*. Nova Iorque: United Nations.